

TOLICEIA

**MEDIÇÕES
(METODOLÓGICAS E
METEOROLÓGICAS)**

LUCIANO ZAJDSNAJDER

Texto estabelecido
por Luiza Lobo

VOLUME 3 PROSA

OS MANUSCRITOS
DE Z.

RIO DE JANEIRO
LITCULTNET
2013

TOLICEIA MEDIÇÕES (METODOLÓGICAS E METEOROLÓGICAS)¹

LUCIANO ZAJDSZNAJDER

INTRODUÇÃO LINEAR: A generalizada carência de paradigmas uniformes e a triste desistência de um método único para tratar dos análogos que se distribuem pelas coisas e pelos seus saberes impõem um movimento corajoso que seja capaz de sintetizar a ciência mais hermética com os algoritmos mais intranquilos. Desta forma, aceitando um desafio contemporâneo, apresentamos uma série de indicações de método, que integram em um só movimento o sentido místico-poético com uma engenharia econômico-física e uma orientação para os fracassos.

SINTOMA PRINCIPAL: As manifestações do real que serviram de base para esta incursão estão à vista de todos, embora haja muita recusa em apreciá-los. Não condenamos esta recusa, porque hoje, sabemos muito bem, a cegueira é aceita como uma forma indevida de visão e a própria visão sabe-se infeliz e inferior, sorrindo quando não devia fazê-lo.

DETERMINAÇÕES E PERCURSO

I. O entorpecimento progressivo

¹ Nota da editora: Comparar com *Toliceia*: O texto é quase o mesmo. Começa com uma espécie de aforismos e traz depois um enredo, deixado interrompido.

Sua obtenção não deve ser mais condenada, pois reconhecemos torpezas no progresso. Diga se é possível manter-se sempre alerta, quando a vontade de despedir-se é um progresso frente à disposição de se fazer escravo de qualquer sedução ou qualquer encantamento.

Não há uma receita para o entorpecimento, embora sejam encontrados especialistas. Há, sem dúvida, um ponto que vai da alma ao corpo e vice-versa, onde reside a glândula do entorpecimento. Basta mergulhar em si mesmo e desligá-la que um brilho do pensamento começará a ofuscar tanto, que se tornará insuportável.

II. Os desvios da sonolência

Ir mais fundo é preferir o sono. Ir a fundo no sono é preferir a morte. Ir a fundo na morte é preferir piadas de mau gosto. Ir a fundo nas piadas de mau gosto é de um mau gosto ainda maior.

Sempre a analogia com o sono. Por que nunca a analogia com a insônia? Querer dormir e não poder senão à base de remédios é uma oportunidade que muitos perdem. Haverá perdão para a insônia?

III. A redundância do primor

Não mais se anseia tanto pelo primor. Não me arrependo, porque a partir de um dado momento o meu método não produzia mais primores.

Varie o prisma e verá o primor por ângulos nunca alcançados. Não há um primor que resista.

IV. Descrença nos martírios

O pagamento que fazemos faz sorrir os credores, que até então eram simples mártires. Manter as dívidas por tempos longos demais e pagar sem um aviso antecipado: há um espécie de remorso que hoje não se cultiva mais.

Queria aprender sobre certos suplícios, mas a informação escasseia. Queria aprender, melhor dizendo. O roteiro para construir qualquer fantasia, projeto ou plano de viagem dá a impressão de que precisamos de um pouco de dor.

Sem dúvida, os anestésicos mexeram com a nossa fé.

V. Perfurações assinaladas

Há lugares do corpo que já são bem conhecidos e que, centros de energia e pontos de passagem para o cósmico, têm merecido respeito, atenção e pesquisa. Há outros

que só agora – neste fim de milênio – começam a ser explorados: são pontos que servem de passagem para um estado pouco conhecido, que está além das experiências de sono, de sonho, de vigília e transcendental. Poderíamos chamá-los de quinto estado. Ao contrário dos centros de energia, são obtidos através do dilaceramento das carnes e de órgãos. Não trazem deleite ou vigor, apenas transportam para uma posição do mais total acanhamento. Trajetos para um tipo de milagre, em que o ar que respiramos transforma-se em sinais que parecem de um código sumérico.

VI. Um suplício aceitável

Os beijos não recebem atualmente a atenção merecida. Sei que podem revelar algum tipo de segredo que perdeu a importância. Sei que poderia ter beijado mais do que fiz até hoje, mas, seguindo a tendência da espécie, parei de fazê-lo com muita exaltação. Não sei exatamente o que houve. Talvez uma alteração erótica na espécie que encontrou outros meios de comunicação íntima.

Suplicar beijos torna instável a relação íntima. Eis um prognóstico que posso fazer: qualquer coisa de furioso está por ocorrer, quando as súplicas tornam-se frequentes.

VII. Signos execrados

Há um tipo de amizade que prolifera entre os jovens. Tem um nome pouco disseminado: a amantura. Parece envolver jovens entre 12 e 15 anos, de ambos os sexos, especialmente da classe média baixa. A forma da amizade é de verem-se o mínimo possível e sempre fugir do outro. Desta forma, a frequência com que se veem é mínima e quando se encontram é em geral em esbarrões, pois se se tivessem visto antes teriam fugido.

Quando se encontram da forma descrita, ficam de mãos dadas por longo tempo. É ao mesmo tempo carinho e tentativa de evitar que o outro escape.

VIII. Sentimentos desonestos

Louco de ciúmes: é o estado a ser alcançado, e que permite um modo de ver as coisas que tem cativado a tantos por suas delícias. Um estado raro. Uma vez que ocorra deve ser estimulado para que atinja graus em que se instala a fúria assassina.

O ciúme louco é ao mesmo tempo remédio e veneno. Nos tempos atuais, há uma doença que começa a tornar-se epidêmica: dar a mínima atenção ao risco de vida de

entes queridos. É uma espécie de fingimento invertido: em que se deixa de dar atenção à morte para louvar o que resta de vida.

IX. Tarifas do amor

Um contato telefônico ou pela internet tem um custo relativamente baixo em relação aos resultados que podem ser obtidos. Por isso, estamos abandonando outros caminhos que antes pareciam inevitáveis. Deixe de lado a vontade de pagar pelo carinho, por beijos e pelo amor em geral, acreditando que poderá obter tudo isto gratuitamente – uma crença que tem sido profundamente abalada.

X. Percepções amortecidas

Ferir os próprios olhos ou machucar outros órgãos dos sentidos foi uma prática comum entre determinado grupo de senhoras casadas, quando atingiam os seus quarenta e oito anos e não tinham filhos. Este fato muito pouco divulgado poderá agora tornar-se obsoleto pelas novas tecnologias da concepção. A pergunta: irá atingir a outro grupo por outras razões?

XI. Linguagens rompidas

A preocupação com a linguagem está chegando a um ponto de saturação e mesmo assim há muitos que não descobriram que tudo ou quase tudo pode ser entendido como linguagem. Não se sabe se chegará às mãos da maioria um entendimento da complexidade de alguns sinais. Nem se sabe também se esta complexidade ficará por demais insuportável para que permaneça.

A busca do complexo parece cada vez mais enfadonha, mas não há outro remédio. A simplicidade esgotou-se e o reino dos simples já chegou ao fim. Mas há ainda grandes resistências à complexidade.

XII. Conclusões sem fim

Não há mais tanta clareza a respeito do fim, das formas de arrematar. As dúvidas aparecem há cerca de três décadas e tornaram-se crescentes. Também o gosto pelo interminável tem se expandido e pouco a pouco a vontade de concluir tem se esmaecido.

Milhares de experiências já foram feitas para verificar se era apenas uma mudança de gosto – algo, portanto, superficial – ou se era realmente o caso de uma mutação da

espécie. De fato, não foram experiências de laboratório e sim ocorrências singulares e inesperadas.

XIII. Arfamos juntos

Uma respiração no mesmo ritmo e tempo para toda a espécie humana: esta a inovação que muitos esperam e na qual não sei se devem manter a esperança. Há uma falta de ar em certas partes do globo e há também pulmões que não podem suportar senão poucos e quase imperceptíveis movimentos.

XIV. Quase sempre invisíveis

Dizem as mensagens que há uma espécie de invasão inesperada e que não adianta temer: já são vítimas várias cidades de porte médio e que as principais presas são crianças pequenas. Acho que estão sendo levadas para um centro de transformação e rapidamente se tornam adultos e com um ar de troça retornam à vida humana.

XV. Quarenta anos no deserto

Muitos desertores, segundo pudemos entender, foi o resultado desta veneração quase indigesta por um tipo de liderança que hoje não encontra mais escuta. Ficarão assim mesmo e certamente morrerão de fome e sede, sob um sol imorredouro.

Viajamos este tempo todo – quarenta e poucos anos e não exatamente quarenta, mas se fala em quarenta por uma questão de brevidade. Vagamos perdidos, indisponíveis para um tratamento mais respeitoso.

XVI. Estâncias vencidas

Os exércitos foram convocados e de cada terra vieram varões e uma vontade belicosa que não se acalmava. O entendimento do que seria feito não trazia qualquer vantagem. A disposição para morrer heroicamente era também muito elevada. No entanto, na guerra só se obtiveram derrotas e uma minuciosa descrição das formas de cantar virtudes e vícios.

XVII. Rotas difusas

Estas são vias que por muito tempo tentaram evitar. Estavam à procura de um caminho bem traçado e sem sinuosidades. Mas era muito tarde, o sol tinha apagado muitos acidentes geográficos e os caminhos não tinham mais margens. Por onde chegar a um ponto que não estava mais assinalado? De onde partir, se todos os lugares não tinham mais fronteiras?

O espaço newtoniano tinha retornada à terra, com a sua natureza sem idiossincrasias. Agora, era tanto mais fácil perder-se quanto achar-se. Andar em círculos era o método preferido.

XVIII, Antes do amanhecer

A claridade era o sinal de partida da boemia. O nascer do sol era um tipo de clarão que nunca poderia ser confundido com um incêndio. Os reflexos no espelho, assim como os reflexos no olho, assim como os reflexos no fundo do copo: o mesmo clarão que começa intenso e vai se perdendo.

Antes de acordar eu tinha sempre um mesmo sonho: de um sol que se perdia no horizonte e despedia-se de nós para sempre. Sei que isto não é apenas uma brincadeira onírica, porque um esfriamento pode ser previsto. Sei hoje que o desaparecimento do sol nada mais era que o suave frio da madrugada. Hoje posso colocar em pratos da balança o que dizem os sonhos e o que o corpo quase inerte pode perceber e mesmo permitir.

XIX. Uma cegueira elegante

É inato o temor da cegueira? É uma espécie de *a priori* que nos acompanha desde o útero e que só cessa quando fechamos os olhos para sempre? A pesquisa não pode ir muito adiante e o percurso metodológico tem poucas perguntas que podem ser feitas em público. Dominar os próprios nervos é uma condição prévia a toda investigação que termina nas próprias entranhas, como uma autópsia.

XX. Pedágio para pedestres

Percorrer o mundo com os pés é uma forma metodológica que talvez se renovará. Digo “talvez” porque não sei o que ainda pode produzir algo de novo neste terreno. Talvez andar de joelhos ou arrastar-se como réptil. Sei que alguma forma humana em casamento com uma forma bem inumana resultará em certos privilégios do olhar e da espera.

Suspeito que ainda faltam alguns milênios para que as metáforas da luz sejam abandonadas. Hoje em dia a ignorância é buscada com tanto ardor quanto o saber – e isto é privilégio de nossa época. Amanhã, tardiamente, feriremos algum terreno ingrato e em troca receberemos ferroadas em vez de conhecimento. Quem poderá merecer outra consideração?

XXI. Vinte séculos de estigma

Os restos da colheita que ficaram espalhados pela estrada: espigas de milho aos milhares. Mas como foram esquecidos? A resposta foi que sumiram da vista. Um descuido que tem aumentado século a século, desde o momento afortunado em que se iniciou a nossa era. A colheita nestes vinte séculos tem sido quase precária. Colhemos o que plantamos? Não é muito certo isto. É um antigo dito, mas que, a cada tempo que passa, tem um valor menor.

Ao que sei, um resíduo de música ficou pelo chão, riscado pelos carros da colheita. Gostaria de ouvir melhor o que estava por chegar, e por isso, coloquei o ouvido direito sobre o chão. Ouvei alguns dos próximos séculos – onde havia furor e fúria – e depois um silêncio completo. A humanidade calou-se.

XXII. Sei onde termino

Não tenho dificuldade de ir adiante, de avançar pelas ruas. Enfrento os mendigos com pesadas esmolas. Enfrento os olhares de caridade que, percebendo a chaga viva que sou, afirmam saber como curar-me. Não é possível fazer mais nada: esta ferida enorme não para de crescer e daqui a pouco serei por ela tomado.

Todo o meu corpo é uma escultura: abriga em seu interior lembranças de alguns amores intensos e de uma paixão que nunca se concluiu e que até hoje acorda-me toda manhã.

É óbvio que esta chaga enorme é a lembrança perfeita da paixão arrebatadora por ELA, que viajou para fora do país e depois evaporou-se.

XXIII. Véus mal lavados

Encobrir o que é para ser visto. A permanente alternância entre um dissabor que se quer evitar e a necessidade de ser avisado dos perigos de viver. Por isso, é recomendado carregar um bom número de véus, porque um apenas não cobrirá tudo o que é para ser velado.

O gosto de mentir e a mordida na verdade: há uma prateleira cheia de livros sobre conduzir uma nação no meio das trevas e como chegar ao destino com o menor número de vítimas. Estão fartos de saber que a nação é o próprio eu, esculpido para a grandeza, mas que se perdeu pelo caminho, restando-lhe apenas aprender a chorar.

Por que não fazer uma parada ou uma procissão ou mesmo um desfile de escolas de samba? É preciso exibir todos os véus que foram usados e que, levados à lavanderia, estão prontos para servir a outras funções. O que antes encobria, agora realiza o nobre exercício de abrir alas.

XXIV. Pendura a suposição

A flutuação é um estado que muitas vezes buscamos. Poucos gostam de afundar, embora haja afundamentos deleitáveis. O leito do oceano pode receber tantos naufragos, e também aqueles que ali vêm se deitar em busca da paz submarina. Entre pedras e peixes, entre arpões e anzóis, todos perdidos, podemos realizar a pescaria.

Supus que iria supurar. Nada ocorreu. Minhas suposições falham às vezes pela lógica, e outras pelos afeto. Nos dois caminhos, encontro tantos obstáculos que desejo o afundamento. Nem todo afundamento é terrível. Afundar no leito ou no leite – eis as suposições.

XXV. Quantos estarão ainda mortos

Não sendo a vida uma linha reta, não sendo sempre um andar em curvas, algum desenlace é esperado. Quando voltarão os que já se foram? A pergunta hoje esquece a sua própria relevância: antes de adormecer, poucos já buscam o que sonhar. Antes de embarcar para uma viagem marítima, havia lenços brancos e despedidas que hoje se tornaram muito raras. Será que esperamos hoje o que antes era apenas inesperado?

Sabem que são infelizes as tentativas de escapar de um ciclo de mortes e renascimentos? Alguns já pensam em ciclos, encantados com a explicação oriental. Outros, menos cativados, esperam a morte e deixam para o final alguma tremedeira.

XXVI. Sorver o ar abafado

A sorte comprime-se na vida, muitas vezes tomando a forma de uma pequena bola de papel, que qualquer vento afasta. E atrás dela se corre, atravessando ruas movimentadas sem olhar para o lado. Do céu cai um grande número de bolas, também de papel. E a verdadeira bola não é mais encontrada. Depois, é a respiração tão afetada, ofegante em todos os momentos. Certos de que não inalaremos senão um ar muito gasto, a sorte tendo sido perdida até na respiração.

Contrapõe-se uma arfada de um verdadeiro ar – onde se encontra? – e com ele talvez venha a sorte de estar vivo e de conter no peito a preciosa molécula de oxigênio que teria sido também respirada por um dos avatares.

XXVII. Continentes à deriva

Os ignorantes não sabem ir do mar à terra e perdem-se na ilusão de que ilhas possam ser continentes. Os ignorantes trafegam com alegria por caminhos perdidos e, por longas esteiras em movimento, compartilham com minérios o caminho do oceano.

A ignorância de nossa própria origem como humanos é compartilhada agora em silêncio. Antes, já fora motivo de ingratas considerações sobre um provável criador. Hoje em dia, estamos menos felizes que nos tempos primeiros, quando os continentes andavam juntos e podíamos cortar o mundo a pé.

XXVIII. Saber perder a fé

Onde está o pendor para aceitar o que a vida oferece? Onde está a vontade de dizer sim a tudo o que ocorre, certo de que é uma mensagem importante que é preciso decifrar? Notando a demora da vida em começar a ter sentido, o importante é sentar-se numa pedra que o sol esquentou e dispor das horas para sentir-se às vezes só, noutras completamente abandonado pelo que há de melhor na humanidade.

A crença no abominável e a crença no inconsolável acompanham-nos com displicência. É difícil ser louco e também acreditar nas coisas fofas da existência: um seio sedoso, um colo redondo e a delícia de dizer a palavra certa para amigos e inimigos.

Na hora certa, terei o gesto inesperado e abrigarei no meu interior uma fagulha que chamarei de fé. Antes, era tudo de uma escuridão que me fazia esmorecer. Agora, que tudo se perdeu, tenho em minhas mãos apenas um pouco de credices e uma ou outra superstição. Desta forma, meio flutuante como todos, sou um cidadão do meu tempo.

XXIX. Antes da facada

Parece impossível percorrer a vida sem receber algum golpe. Alguns tornam-nos mais resistente, outros servem para desagregar a vontade e enfraquecer o fundo dos desejos. A pergunta pelo bom momento do dia pode ser substituído pela expectativa de algo que venha afundar em nossa carne e encontrar pouca ou nenhuma resistência.

Entre a dor e o contentamento, pululam merecimentos e a antecipação de uma vida que seria quase sem sobressaltos. Impossível dispensar, porém, um certo senso acrobático.

Não adianta andar contraído ou trazer na cabeça um plano para evitar o pior mal. Não adianta servir-se apenas daquilo que não fere. Nunca adianta, porque sempre iremos retornar a um ponto em que a amargura pode aflorar ou o próprio sangue jorra sem embaraços. Claro que é também possível sorrir com os lábios sujos de sangue. Às vezes não se consegue saber quem é o dono deste sangue.

XXX. Quantias impagáveis

A marca encontrada no corpo. Uma cicatriz? Não. Um sinal de que o destino tentara apagar. A lembrança da imortalidade, atualmente muito ignorada e mesmo esquecida. Antes, eram marcas nas mãos e nos pés, indicando dívidas. No rosto também havia uma pequena marca, no lábio superior. Eram todos pontos em que o corpo se abria para mandar uma mensagem: uma dívida crescente para com a vida.

Cada sorriso era uma espécie de pagamento. A voz que murmurava também era uma dívida reconhecida para com a força que brotava de dentro do corpo. O sangue não servia como pagamento. Nem as lágrimas, o muco e os sucos digestivos. Não havia como pagar, agora que estava a meio caminho do fim da vida e uma espécie de escuridão – que parecia sempre alegre – emergia de seu olhar. Não podia pagar pela vida que restava, e continuava a dever por tudo que já acontecera e era irreversível.

XXXI. Alegria deslavada

Muitos suspiros, o dia inteiro. No mais puro ar, livre de qualquer pestilência, o som percorre com uma velocidade insuperável e o que ouvimos são risos. Mais da metade da população do universo está a se divertir. A outra metade chora em silêncio? Navegam na música que vem de algum lugar dos montes que ficam ao norte, perto de um grande rio. Não um norte terrestre, mas galático. Sons de quê, exatamente?

São sons exatos. Pedras trituradas são como valsa; pedras que rolam são sinfonias; pedras que se despedaçam são pequenos concertos.

A explosão de uma montanha pode trazer uma alegria que nunca havia visitado o espaço. Nem se sabia direito de que se tratava. Ora, assim ficava, sem dúvida, muito mais fácil rir.

XXXII. Cobertura divina

Depois de absorver o gosto da vitória, a dissipação do mesmo gosto. Depois de esquecer o que tinha feito de mau e de errado, uma culpa silente e mortífera. O amargor veio ao cabo de muita espera e os ardis que foram preparados mostraram-se inúteis e principalmente mal feitos.

Um deus não sabe o que é um mortal, ou sabe? Esta equação já foi abandonada há muito tempo e hoje a ignorância dos mortais é o único saber que conhecemos. Nunca estivemos tão preparados para ir em direção ao divino senão quando a vitória de nossas forças estava muito próximo. Que força? Ora, a força do silêncio e de mágoas e a força de um riso que teima em aparecer em meio a cinzentas tristezas. O riso – que não é tolo – martela tudo à sua volta com uma vitalidade sem par.

XXXIII. Monstros anêmicos

Por onde perseguir a felicidade, se ela acaba envolvida com moradores de caminhos tortuosos, com misteriosos moradores de pântanos, e assim fica perdida e incapaz de receber qualquer chamada? Esta a razão por tantos terem abandonado a esperança de uma felicidade e agora voltarem-se para as amenidades de uma tarde quente e, sorvendo refrigerantes por antigos canudos de palha, conversarem sobre o que a vida poderia ter sido.

Agradecer a vitalidade e depois enveredar por um opaco desmentido: não há nada que possa ser ordenado, não há nada que desmintas as fontes de água que secaram e, em seu lugar, passaram a correr outros líquidos. Dizem ser sangue que foi derramado em vão.

XXXIV. Um ódio que ficou esquecido

Ódio aos que fingem ser sensatos. Após a conclusão do café da manhã, os dois voltaram para a cama onde ficaram lendo romances até o fim da manhã. Ele lia a *Cartuxa de Parma*, de Stendhal e ela lia o *Humilhados e ofendidos*, de Dostoiévski.

O amor entre os dois vinha arrefecendo há cerca de dois meses, quando cada um deles começou uma outra relação amorosa, numa sintonia que na vida deles não era inesperada.

A leitura de romances servia a muitos propósitos. Quiseram sair do tempo presente para fugir às tensões e a uma atmosfera que pouco lhes agradava. Descobriram que o século XIX poderia servir de refúgio.

Ele terminou de ler o romance de Stendhal lá pelas onze e meia, e ficou deitado na cama olhando para o teto, deixando aparecer na cabeça lembranças de cenas do romance. Ela continuou a ler, mas subitamente parou e dormiu.

No dia seguinte, que era uma quinta-feira, os dois voltariam a trabalhar e mal teriam tempo de ler ou ficar deitados sem fazer nada.

Ele não conseguia tirar da cabeça a idéia de ir embora de casa e começar qualquer coisa nova. Gostava da companhia dela e temia ficar preso naquela armadilha até o fim da vida.

Dormindo ao lado do livro de Dostoievski, ela sonhou que trabalhava numa casa de massagens e era obrigada a aceitar homens que lhe traziam repugnância. Mas assumia uma atitude profissional e buscava sentir prazer onde ganhava o pão.

XXXV. Loção de fervorosa amizade

um líquido recém-descoberto permite aproximar pessoas incompatíveis.

XXXVI. Saúde domesticada

Passa nos quartos dias inteiros, longe da luz natural e envolto em lençóis, que pensa serem deliciosas mortalhas de seda.

XXXVII. Sacrifícios frívolos

Tenho diante de mim, à mesa, um conjunto de pessoas que me asseguram que aqui estarão sempre que eu precisar de uma conversa leve e de olhares bem cândidos.

XXXVIII. Mares relapsos

Não invadiram a terra, quando deveriam fazê-lo. Haveria mares medrosos em contraposição aos arrojados? Mares em que é inevitável afogar-se.

XXXIX. Loucura estropiada pela vontade de dizer sim

O balanço da cabeça tem um sentido diferente em algumas culturas. Cortar a cabeça também pode ter sentidos diferentes. Mas a loucura pode perder-se completamente, tornar-se irreconhecível, quando encontramos pela frente um fomento, um incentivo a viver longe das compenetrações e das contrações da seriedade. A loucura incursiona pelos desejos que se tornaram amorfos, perderam sua energia e podem ficar abandonados pelo meio da vida, esquecidos até.

Longe das negações a que sempre estamos acostumados, na proibição, nos limites, nos deveres, longe de caminhos inteiramente impedidos, podemos viajar à procura de

uma grande afirmação, de um sim dito com os lábios fechados, como os olhos também fechados, dito com um suave movimento do corpo. Não um corpo apenas. Uma nação que se movimenta levemente, e vai dizendo, sem aqueles que sabem explorá-los com doçura: mude-se para aquela nação e terá uma experiência da loucura que ainda não foi classificada. Onde fica? Aqui: nestas entranhas, neste sertão, nestas cidades que se esmigalham e se esboroam com um simples passar do tempo.

XL. Caricaturas ingratas

Nos espelhos, um rosto carregado e reflexos de uma preocupação que antecede dores, desastres e a espera ansiosa por uma razão de viver. Nos vidros opacos, a tentativa de uma figura que nunca se desenha e apenas a sombra se delinea, e é possível ver o quanto de equívoco se pode instalar para sempre em um rosto.

Nada se sabe sobre o valor das máscaras, uma vez que são tiradas, e o ato teatral que era esperado não ocorreu. Não havia atores e a peça, prometida há tanto tempo, extraviou-se. De fato, nada foi escrito e o extravio ocorreu ainda na própria imaginação. Nem o gênero fora resolvido, se comédia ou drama. Tudo ficou indeterminado.

Como ficar agradecido se a peça não foi encenada, e o público que veio para assistir foi embora em silêncio, entristecido pelas desculpas, mal convencido de que nada mesmo tinha acontecido.

XLI. Mistérios a menos

A homenagem aos que não queimaram os seus navios e ficaram meio indecisos diante da ideia de explodir as pontes. Quem terá inventado a ideia de cortar o caminho de volta, para que a coragem não tivesse que se defrontar com o medo?

A vida é uma escavação – como se pode defini-la melhor se o chão é marcado de modo cada vez mais profundo, a cada passo. Há na vida um conjunto de movimentos furtivos a serem classificados. O medo pode ser claramente explicado. A coragem é quase sempre um sentimento sem grande valor, que talvez nem exista.

Há uma parte do movimento da vida que pode ser entendido como o desfazer de mistérios. Quantos são desfeitos, outros tantos são feitos. O encontro bem justo é um mistério: por que nunca se acha? Como foi inventado?

XLII. Comer doces no deserto

Dar risadinhas lá pela tarde, à frente de um bom lanche: biscoitos amanteigados e uma jarra de suco de uva. Diante de nós – éramos quatorze – uma vista cheia de alegrias: uma intrigante favela, que nos desperta e assusta com o disparo de foguetes e com seus tiros. Naquela mesa, houvera paz nas anteriores gerações de minha família. Agora, a casa é em geral tranquila, mas há sobressaltos vindo de um morro que se povoou nos últimos vinte anos. Neste tempo, tornei-me de adolescente em senhor, publiquei três livros de poesia e fiquei viúvo.

A mais curta das biografias assinala o que deveria amar, mas não posso nem consigo. Minha mulher deixou-me de herança alguns terrenos no Recreio dos Bandeirantes e eles foram tomados por posseiros. Não tive coragem nem vontade de interferir. Pensava que era o povo tomando o que era seu. Descobri, anos mais tarde, que eram pessoas que tomavam para os negociar.

Nesta mesa, os meus convidados são antigos companheiros de primário. Depois de mais de trinta anos, catei-os e achei-os. Alguns viraram artistas plásticos (dois) e policiais (três). A maioria tem hoje um negócio. Viraram empresários. Chegaram em carros importados e, a cada momento, falam nos seus celulares.

Biscoitos amanteigados e suco de uva: sem dúvida um lanche pobre. Deveria ter servido uísque e canapés.

XLIII. Simpatia pelo horroroso

Olhando para o solo, vejo perfurações – tentativas de sair da superfície da terra e entrar em comunicação com civilizações que se mudaram para o interior do planeta. Lentamente, descuro dos mitos mais maduros e fico com os que tomam conta da cabeça esmigalhada de sonhadores. Notadamente descalços, atravessamos um jardim suspenso e lá encontramos um senhor que se diz rei do universo. Mas é simplesmente um parente distante, um tio de um tio e que lá ficará ainda para alguns momentos. Depois, dissipar-se-á na imaginação entristecida.

Logo que me levanto, fico sobressaltado com o que ocorre na cidade. Há calçadas que já foram ilustres e agora contêm quase todo dia um agonizante. As ruas apinhadas de pessoas com medo e uma tristeza que será perene. Revolvida a terra dos jardins, serão encontrados muitos corpos. Os cemitérios estão muito caros e a morte não pode

esperar. Há um quadrilátero de vacilações e um suor que se despeja como um único pensamento obsessivo.

XLIV. Corações extremos

Na busca de maravilhas, há sempre um desencontro engatado à maneira de ver e de sentir. Ótimos são os apertos no coração, as mãos suadas e aquele rosto avermelhado: tudo pronto para evitar decepções e conter lágrimas e soluços.

Não espere pelo que vem depois da tempestade em copo d'água. Avisado de que o chão pode faltar como também pode faltar o amor, é tempo de partir para descobertas intrigantes e interferências nos sentimentos baixos.

Conter o coração com risos falsos. As dores mais anteriores viajam pelo corpo e alojam-se onde encontram um acolhimento melhor. Ou seja, no próprio coração.

Uma disciplinada escavação encontra sangue em todos os poços, que ofertam ecos de batidas e não respeitam o compasso.

XLV. Louças dadas como herança

O antigo favorece e o novo traz desastres e infortúnios. Contra o despeito, um direito a um respirar livre. Antes de partir para a desmemória, é lançado um tipo de contrato com cláusulas que mandam aniquilar a lembrança de antepassados e exigem uma concentração mortal no presente. Louvados são os que carregam no sangue o destempero e a recusa a qualquer compromisso com a escravidão do tempo.

Malconservados, o que se recebe são alguns pratos rachados e talheres que perderam suas formas. A origem não é bem conhecida.

Quem foram os parentes a que pertenceram? Onde morreram? Nada se sabe da origem desses cacos, que em novas mãos dão um sabor trivial cotidiano.

XLVI. Longa lista de amores interrompidos

Indagado diante de luzes insuportáveis, não teve resposta a dar e assim foi confinado no próprio quarto. Até achou razoável o que foi feito pelos seus vizinhos – um casal que já conhecia há mais de dez anos. A princípio achou a ideia de ser confinado inteiramente lógica: por que lhe permitiram sair quando o seu ímpeto era de correr pela rua gritando contra o governador, que é o seu próprio irmão. Se não tivesse sido confinado, até poderia, porque esses gritos de raiva só poderiam trazer danos para si

ou para o seu irmão. E até votara nele, embora não tivesse participado da campanha eleitoral.

Foi em seguida submetido a injeções que produziram um mesmo pesadelo que se repetiu até o fim, e temia dormir.

No pesadelo, ele se transformava num pistoleiro, que era um assassino profissional e recebia dinheiro para matar um monge budista, que tinha se tornado um santo venerado no Rio de Janeiro. A única forma de realizar o assassinato era se postar no alto de um edifício e atingir o santo homem quando ele passava, o que fazia todas as manhãs, cercado de admiradores e fieis, indo de sua casa para um outro prédio, onde funcionava o escritório e quartel-general da sua organização.

XLVII. Navegações e divagações

Manifestos contra a escravidão são para poucos ouvidos. A escravidão dissemina-se sem parar.

XLVIII. Lentas lentilhas

Um gozo moderado e uma recusa

Um encontro com a novidade, que não altera a fome

A alternativa para saber-se alegre é um choro convulsivo, cuja razão todos gostaríamos de saber.

Nada adianta chegar adiantado, quando os que esperam há muito partiram para organizar uma festa que dura muito ou não termina, não se sabe direito.

Dois sinais de alerta, e ninguém sabia dizer quem poderá ir aos confins do planeta e quem ficará esperando algum aventureiro cósmico, na hipótese ridícula e suprema de que há vida inteligente em outros lugares.

A condição dos desalmados é uma aventura pelo território dividido: entre os que estão sabendo o que querem da vida e os outros, que estão por aqui meio desencontrados, porque nem esperavam ficar vivos por tanto tempo.

A verificação de que não havia ódio nem terríveis castigos alegrou a minha alma e pude postar-me meio desequilibrado diante de um chefe que me dava ordens contraditórias, impossíveis de obedecer, mesmo se eu quisesse.

As ultimas e certas flechadas foram disparadas de dentro do táxi por um franco atirador, que depois vim a saber que era nada mais nada menos do que o irmão do

próprio governador. Três pessoas foram atingidas, mas já estão fora de perigo. Você sabia que uma delas era um teólogo que havia escrito um livro provando que Deus era negro e feminino (mas não uma mulher negra, esclareça-se)?

XLIX. Limites da estupidez

Logo poderei suportar a distância de você.

L. Lembranças da aspereza

Quando estou surpreso, vivo em impasse.

Há grandezas que impedem de respirar e é sutil a forma como me despeço das coisas mais desconexas.

Nada tenho a afirmar que não seja um pouco engraçado e meio sem sentido.

Luto contra uma pequena desgraça: esquecer meus objetivos e ficar boquiaberto diante do destino.

Ligeira tontura, e quase caio nos braços do meu inimigo: um vizinho sequioso de vingança, porque recusei o amor de sua irmã.

Diante da lua cheia, ela me diz que devo suspirar romanticamente, mas sinto que apenas fico aluado.

Espero por suas promessas mentirosas, porque nada mais tenho a esperar.

Livro-me de minhas ilusões, mas não sei como lidar com algumas mentiras maiores que fazem bem parte de minha vida².

LI. Longe de querer bem

Ela adora sentir-se aprisionada e sempre pede desculpas por simplesmente ser.

LII. Costumes a que falta um preparo

Jogar-se na fogueira para queimar ilusórios pecados.

Morando perto da própria pele, mas dela saindo muitas vezes, para ver como os outros pretendem estar vendo. Mordendo a própria mão, e descobrindo um sabor às vezes insuportável, e, noutras, como se fosse o mais divino alimento.

Antes de voltar para casa, sente-se diante de um espelho e conte as vezes em que sofreu por não estar pronto para os difíceis sabores do meio da tarde: os amigos que estão no trabalho e com quem você não pode falar, as namoradas que já casaram e que não respondem ao seu telefonema. E principalmente mamãe, que não é mais

² No original, passa aqui a numeração com algarismos arábicos. Nota da Editora.

aquela juvenzinha sempre disponível e que agora vive ocupada demais com o jogo de cartas e com uma nova moda religiosa.

Quando tiver encontrado uma forma de dizer não a um desejo que incomoda, como a dor de ser rejeitado por quem se ama demais; quando tiver encontrado, poderá abandonar as posições mais fortes e correr em direção ao que estiver na moda entre os modernos descobridores da anestesia local.

LIII. Um crime muito mal recomendado

Deitar-se de bruços e receber inesperadamente um aviso que o faz tornar-se uma fêmea indefesa. Outras formas de sentir-se indefesa também estão disponíveis e o rosto não deixa de mostrar um medo incontrolável. Sempre indisposto, sempre sentindo comiseração por si mesmo, não adianta continuar de bruços e esperar por um príncipe valente liberto por um desejo devorador.

Nua da cintura para cima, ele ficou gritando na cama até que descobriram que era realmente um homem em processo de transformação. Sua mudança? Em uma pessoa mais sensível, mais disponível para com os outros e com um ouvido para os que sofrem na terra. Por esta transformação, ele pensava e sentia, a cada dia, que estava se transformando numa mulher.

Ouvir gritos que vinham do banheiro, onde alguém estava dando à luz uma obra incompleta, um indistinguível poema, não sendo possível separar a voz do poema que ao mesmo tempo que se cria é escrito e recitado.

Duvidamos que alguém sinta tão fortemente a fêmea que foi abandonada antes da adolescência. Sobre isto discorre o poema, marcado por palavras escolhidas numa conversa sobre bonecas.

Sempre estar preparado para morrer de inanição e para cometer fúteis crimes. Seu mistério é devolver à terra uma semente que não germinou e os sentimentos que ficaram cravados na pele e depois explodiram como insuportáveis e incontroláveis dores de amor.

LIV. Antes do primeiro bocejo

Logo estarei em casa, depois de fugir de mim mesmo por mais de vinte anos. O quê? É muito pouco tempo: até o fim da vida, poderá continuar fugindo, em busca de um

tempo em que a tranquilidade seja completa como uma pedra um pouco – só um pouco – aquecida pelo sol.

Quando a pedra estiver quase quente, é hora de trazê-la para casa e depositar no colo, como um bebê incompleto. Diante de si, a mãe pergunta se está na hora de amamentar a criança. E você ignora quem é realmente o bebê, se você ou a pedra.

Certamente a pedra, seu estúpido. É uma voz mentalizada e cortante que grita no seu peito e entre suas pernas. Abaixo da pedra, encontra-se o órgão de suas convicções adormecidas.

Queira me desculpar – disse a esposa, e também mãe e também virgem e amante. E, após olhar novamente para a pedra, ela retornou ao quarto onde havia uma criança de verdade.

LV Quantos amores desconexos

Entrando em casa, no meio da manhã, vindo da feira, e encontrar um dia inteiramente diverso daquele em que acordou: está agora tão vivo que mal sabe por onde poderá estar voando nas próximas horas.

Nada demais: na feira, comeu algumas pétalas de uma flor chamada maldonado³.

LVI. Línguas fantasiadas

Hoje estamos falando e isto surpreende e atemoriza os que estão disponíveis para lidar com sons guturais.

LVII. Chovem cristais e desmentidos

Há uma abundância de situações e uma variedade de expectativas. Onde está a forma mais completa de dizer não? Quando estivemos juntos, a harmonia quase se fraturou. Uma harmonia celestial que sustentava quase toda a nossa galáxia.

Sempre que estivemos juntos, ouvi uma voz estranha que não era minha nem .sua. Nada mais estrangeiro aos meus sentidos do que um rosto mal delineado e, portanto, difícil de ser lembrado.

Hoje, estou fazendo anos e diante de nossos parentes, confesso que nada tenho a dizer sobre os crimes que cometi quando estava dormindo.

Sonhando entrei em contato com os desmentidos acerca de minha vida. Novamente diante de tantas (...).⁴

³ Maldonado é um sobrenome; sentido incerto. Nota da Editora.

⁴ Oração interrompida. Nota da Editora.

Uma fria estação terminava e eu tive para me livrar das roupas pesadas e encontrar de novo a minha própria nudez.

LVIII. Ontem tive dores nos trigêmeos

Uma atitude extremada: cansar-se do chiado da própria respiração e pretender ter que viver em outros ares.

Ainda chego ao ponto de nada saber adiantado: só na hora em que encontro o inesperado ou o desconhecido tomo a decisão melancólica de tirar do bolso um guia antigo da cidade, que cita ruas que desapareceram sabe Deus como.

O grito de horror, acho que desta vez foi seu: diante do que eu disse – uma palavra só: Apresse-se – e você atirou-se aos meus pés, pedindo perdão por sofrer tão preguiçosamente.

Atrás de mim, vem uma historia que nos tomará a todos: é uma espécie de cântico, que cita alguns fins de mundo, para justificar que este irá durar ainda bastante.

Logo no início da tarde, quis saber as horas e você lançou pela janela o único relógio e um rádio. Só quando escureceu é que me dei conta de que este poderia ser o último dia para conseguir acesso ao colo de nosso governador-geral.

Matagais quase avermelhados e um céu tomado de nuvens também avermelhadas: eis o cenário em que eu me pus a procurar uma pequena seringa hipodérmica, talvez bem contaminada.

LIX. Claramente independente

Gostando de saber-se distante dos acontecimentos.

Apertado o abraço, quase sufocante, quase mortal.

Antes de ir embora, despediu-se da sua vontade de ficar.

Os risos foram ouvidos como gritaria e a intenção tinha sido esta mesma. Mais tarde, as gargalhadas interromperam a confissão de um crime. Muito mais tarde, as gargalhadas tentaram transforma-se no crime. Em vão.

LX. Resolvi persistir

Querido tormento, agora que o céu está clareando, posso dormir com menos um pesadelo por dia.

.....

Importunado e ameaçado por tantos parentes, que só aparecem quando têm problemas, considero um privilégio ter uma sobrinha como Gilda. Ela tem vinte e três anos, algumas décadas a menos que eu, e é a filha de meu irmão mais velho. Já é formada em geografia – não imagino como teve esta ideia – e está irrevogavelmente desempregada.

Acreditem que, a princípio, quis realmente ajudá-la, e como eu precisasse de alguém que arrumasse meus livros e papéis, pagasse algumas contas, já que meus dois filhos são imprestáveis e minha mulher faz cara feia quando peço algum favor. Ela perguntou se não tenho um *boy* ou qualquer coisa assim no escritório. Desta forma, Gilda foi bem-vinda. Passava a manhã em minha casa, e quase sempre nos encontramos, porque sempre saio mais tarde que minha mulher. Os meus dois filhos vão para a praia cedo enfrentar as ondas e voltam correndo na hora do almoço para ir ao colégio. De modo que éramos eu e Gilda. Ou melhor: Gilda e eu, porque cada dia que passava eu ia descobrindo que aquela pessoa miúda – ela tinha só um metro e cinquenta – tinha modos e pensamentos que eu nunca teria sido capaz de imaginar.

Não é inteiramente verdade que eu não era capaz de imaginar. Ela tinha provavelmente – dados os descontos de ser adúltera, o que acho uma hipótese totalmente sem fundamento – uma parte do meu sangue e, portanto, as esquisitices que ocupam muito frequentemente a minha cabeça aterrissam também na sua. Conversando com ela – e foram poucas vezes, porque eu não queria interrompe-la – pude ver que não estava muito preocupada em conseguir um emprego e que sonhava com um casamento. Mas que tipo de casamento? – perguntei-lhe. Eu pensava que era um do tipo burguês, com um marido bem-sucedido etc. Mas não era: ela sonhava com um rapaz da idade dela, que gostasse de arte. Ficariam em casa dias inteiros, vendo vídeos e lendo romances. E o trabalho? – perguntei-lhe. Ela disse que encontrariam uma forma de ir vivendo, talvez indo para o garimpo e comprando pedras preciosas e vendendo por aqui. De onde tirou esta ideia? – perguntei. E ela explicou que os estudos de geografia ajudaram muito nisto tudo.

Gilda tinha uma visão das coisas que se parecia muito com o mundo de Indiana Jones, mas de um herói que gostasse de letras clássicas e amasse música erudita. A princípio me espantei e pensei que ela fosse meio alucada. Mas logo vi que havia

muita coerência em suas pretensões, e senti até que havia nela a continuidade daquela vida lógica de meu irmão e que me faltava tanto.

Não demorou muito e fui me deixando ficar em casa até o princípio da tarde, meio esquecido de alguns compromissos de trabalho não tão importantes. Ela começou a confiar em mim cada vez mais, abrindo-me o que se passava em sua cabeça, trazendo poemas e outros escritos. Chegou a contar-me acerca de suas experiências sexuais – que começaram incrivelmente cedo: com pouco mais de dez anos.

Não acabei me apaixonando e nem vi da parte dela qualquer sentimento deste tipo. Entretanto, começou a aparecer um clima de sensualidade. Cada dia ela aparecia com outra roupa e, em geral, mostrando um pouco mais das pernas ou da barriga. De minha parte, abandonei o antigo hábito de pôr calça e camisa logo depois do banho matinal. No princípio ficava de short, e depois de sunga e sem camisa. Antes de ir ter com ela, eu ia até o espelho para ver o estado de meu corpo. Punha a barriga para dentro e até fazia algumas flexões, para chegar ao escritório com um corpo em estado mais vibrante.

LXI. Quintas dominações

Combinando uma comida bem temperada com uma pessoa simpática chamada para o almoço, damos a partida para certas confusões.

A iluminação está um pouco demais e não era exatamente isto o que eu queria quando comecei minhas práticas místicas.

Difícilmente estarei parado, quando a morte me pegar. Difícilmente estarei bem-agasalhado, quando eu pegar a gripe mortífera.

Louvo a sua vontade de controlar a respiração. De tanto fazê-lo, há alguns que deixaram de gostar de respirar por um longo tempo. Mas não tem sido possível abandonar de vez esta prática tão antiga.

LXII. Anteriores ao batismo

Logo terei a minha punição. Este “logo” é uma conclusão, que tirei de dentro de mim mesmo. Parecia uma conclusão lógica, mas era apenas um sentimento que me perseguia. A punição seria tê-la como esposa – Helena, a mercadora de delícias – e viver com ela em seu imenso apartamento, que era também seu local de trabalho.

Helena comprava e vendia oportunidades. Isto parece abstrato, mas não é difícil de ser entendido. O que é um ser humano senão uma oportunidade, que pode nos tornar felizes ou infelizes, abrir ou fechar portas?

Havia um modo terapêutico em Helena. Ela descobria o que faltava a cada um e depois trazia a pessoa certa. Poderia alguém condená-la por cobrar uma quantia quase sempre modesta pelo que fazia?

Então, por que a punição? Tanto ela quanto eu sabemos que o nosso casamento estava condenado ao fracasso. Por que então casar? Ela era muito racional. Eu sigo meus instintos. Houve uma atração imediata, uma complementaridade irrecusável.

Estaríamos um no caminho do outro, como um obstáculo, ou até como um abismo? Quem o disse? Exatamente quem nos apresentou: a irmã de Helena, uma taróloga de longa experiência. Ela disse que o casamento era necessário e que o fracasso era inevitável.

A punição no meu caso decorre do mero existir. No caso dela, decorre de um desvio: buscar para si o que jamais daria aos outros.

O casamento, nós o chamaremos de colisão.

LXIII. Logicamente animados

Unâimes são as vontades de subjugar e a esperança de um dia ficar livre do confinamento de desejos contraditórios. Largas convicções seguem-se de conclusões aparentemente lógicas e de uma paixão pelo equívoco que nos leva para onde não poderemos interromper nosso caminho. E romper com uma mentira de amar que é sempre contraditória e quase sempre repelente.

Há um ensaio, uma espécie de tentativa vã de chegar a pontos de vista finais, a maneiras de olhar para si mesmo que condenam ao fracasso as sensações vitoriosas e as impertinências da alegria.

Louvam-se os disparates e pouco fica para o maior inimigo de nossas vontades: uma preguiça varonil que parece crescer sem obstáculos quando o verão avança e destrói a vontade de ficar sólido e impenetrável.

Há dignidade nas espécies mortas? Há dignidade em dizer a verdade apenas para agradar os chefes imortais – uma espécie de deuses ingratos prontos a nos recusar mais um minuto sequer de vida?

Longe das manifestações de um tato inútil e também longe de outros sentidos quase inteiramente avariados, está uma vontade de soluçar que é quase poética. Os choros ficarão inúteis se forem encontradas palavras para cobrir de esforços lógicos numa disposição quase justa para requerer carinhos e uma ternura pouco encontrada.

LXIV. Cantando para variar

Eram dois irmãos, que viveram juntos toda a vida. Juntos partiram para a grande cidade. Juntos, amaram a mesma mulher.

Os detalhes são sempre confusamente revelados. O que acontece à noite, não sei. O que aconteceu na cama, também se ignora. Há harmonias visíveis e ocultas.

Os acordes não foram entoados, nem tiveram de tempo para dizer os últimos versos. Foram logo embora, rindo-se do que aconteceu.

Os dias inteiros eram feitos de doces encontros: com os amigos que vieram vê-los depois de muitos anos de espera. Quase tudo que disseram poderia ser esperado: palavras mais que conhecidas, mais que contidas. Um dizer que não era bem um dizer: um lamento. Por que não vinham mais vezes? Os caminhos eram difíceis: bloqueados por tempestades e por má vontade. Bloqueados por um sentimento que não se exprimia com facilidade.

Antes de voltar para a sua aldeia e encontrar velhos conhecidos e parentes, era melhor preparar-se para a recepção. Seriam aceitos sem orelha e com um olhar febril? Seriam aceitos em sua vontade de partir quando quisessem?

Seriam aceitos quando soubessem que partilhavam a mesma mulher há tanto tempo e com ela tinham tido seis filhos?

LXV. Relinchos e sorrisos descontraídos

Ela corria nua pela casa, indiferente ao filhos e ao olhar dos vizinhos.

João e Pedro Américo morriam de vergonha da mãe. Sabiam que todos deles ririam nos dias seguintes.

A mãe era belíssima. Conservava o corpo de vinte anos e tinha longos cabelos vermelhos. Nos dias de corrida, ela se sentia uma égua e dava agudos relinchos. Ao final das carreiras, amarrava um pequeno selim em suas próprias costas e isto a acalmava. Depois pedia aos filhos que a cavalgassem.

No principio, anos atrás, os filhos faziam-no contrariados. Depois, aceitaram a idéia para agradar a mãe. Agora sentiam-na como uma irmã selvagem e gostavam de cavalgá-la. Deste fato, porém, os vizinhos não sabiam.

LXVI. Alvos difíceis de serem vistos

Horrível é estar sentado diante de uma hipocrisia.

Calmos discursos foram feitos diante de um sepulcro abandonado.

Doces e bebidas dispostos em um altar, aos pés de uma Nossa Senhora de louça e com o rosto rachado.

Uma fonte de água mineral, descoberta, há pouco tempo, no fundos da casa.

A sua irmã chegou, carregando um bebê adormecido. Vi que o rosto dela estava inchado.

LXVII. Contas mal conferidas⁵

LXVIII. Animo-me a falar sozinho

Nos remotos lugares da minha própria fala, aonde não é fácil chegar: é aí que procuro saber onde perdi minha eloquência. Nada a dizer quando à noite sobrevém o mesmo silêncio, tomo a direção mais tranquila: dirijo-me aos que também emudeceram e primo pela discrição.

Logo tenho em minha voz uma notável qualidade: sou gago pelas emoções que não soube conter e derramo-me pela alegria de desconhecer a palavra certa. Por que ser articulado, quando posso dizer o que ninguém espera e ninguém aplaude?

Ligado no futuro, grito um nome – de um deus em coma – e todos os antigos devotos retornam ao leito de onde saíram sonolentos nesta manhã. Podem sonhar novamente, e cada um em seu próprio sonho colabora para trazer ao mundo um estado de terror que alivia qualquer um da vontade de ser feliz.

Discurso para mim mesmo, diante de um punhado de grandes blocos de granito, modelados pela natureza, e que servem de uma audiência fictícia. Pratico ali a vontade de dizer a verdade, que, sei, foi banida e não temos ideia para onde foi conduzida.

LXIX. Acarinhando com a mão machucada

– Tem se servido deste chá curativo?

– Ele só cura feridas da alma.

⁵ Os itens 67, 74, 87 a 90 e 93 ficaram inconclusos. Nota da Editora.

– Nada pode sanar esta dor causada pelas palavras duras.

– Logo estarei mergulhado em um êxtase maligno.

Mas posso dizer-lhe: onde os pardais distraem-se, ali está a vontade de servir de pesadelo para os seu rebentos.

Sem licença, a mulher de cabelos raspados entrou do quarto de seu chefe e relatou-lhe o que acontecera pela manhã: na cozinha, dois aprendizes queimaram-se um ao outro ao tentar ensinar como se faz uma sopa de cenouras.

É demais para mim: preciso de mais escuridão e de um amor que não se expanda.

As lições que aprendi quando andava na sombra persistem, mesmo diante do esforço de desaprendê-las. O que sobra ao dormir é uma vontade de penetrar nos sonhos mais árduos.

LXX. A própria vergonha

O encontro da vergonha com a falta de direção: foi neste dia que os meus dois tios já mortos tiveram uma conversa que se tornou para sempre o tema das reuniões de minha família. Ambos falaram de suas duradouras impotências, que nenhum remédio ou tratamento tinha podido curar, até que encontraram aquela que viria a ser a esposa dos dois – Maria do Rosário, a que foi e será sempre uma menina.

Nada restou das impotências – transformadas em uma longa fileira de filhos, assumidos por um e por outro, segundo uma simples ordem de chegada. Hoje poderiam fazer um teste, mas de que adiantaria?

Os filhos cresceram – eram cinco meninas e oito meninos, concebidos durante um período de quinze anos. Quando o mais novo deixou a casa, parecia que os meus tios e Rosário viveriam uma nova vida. Ocorre que Rosário foi achada em sua própria casa, com um outro e expulsa pelos meus tios.

Passaram-se dois anos e ela agora tenta voltar, mas sem resultado. Quase simultaneamente, meus dois tios começaram a ter sérios problemas de coração e hoje estão muito fracos e sem ânimo para viver. Talvez Rosário os ajudassem a recuperar a energia vital e o gosto pela vida. Eles, no entanto, recusam-se a aceitá-la de volta e mesmo ameaçam matá-la se vier novamente à casa deles, que está cada dia mais escura, triste e silenciosa.

LXXI. Desejos infelizes

A indicação da fortuna era de que seríamos encontrados rindo no canto da casa, juntamente com os convidados que já estavam totalmente drogados.

Nada podia sugerir que a tarefa de liquidar com o tempo que restava poderia consumir tanto esforço.

O lucro desta operação foi grande demais para ser incluído na declaração de renda. Que operação? Venda da intimidade.

Quanto mais me afasto das antigas convicções, mais me aproximo do estado geral de canalhice e fico identificado com minhas heranças caboclas: de quando traía meus colegas de trabalho e ia jantar com meu chefe, para uma longa sessão de concordâncias tão próximas de uma integral bajulação.

Sei que estou muito perto de fugir aos meus compromissos. Juro que sinto na carne a dor da traição, que não poderei deixar de cometer.

Longe de mim falar claro. Se eu disser o que estou realmente sentindo, parto para uma briga em que serei sempre perdedor.

Louco de prazer, o meu tio embarcou numa luta desigual. De um lado, a sua vacilação moral. De outro, um ser incontinente, devotado ao prazer e disposto a tudo para derrotar temperanças.

LXXII. Informações dadas muito previamente

Demorou a perceber que estava pagando uma penitência. Sempre levava a melhor nas conquistas, nas separações, e durante os relacionamentos. Era um vencedor em todos os sentidos. Na cama, mostrava uma superioridade técnica, um talento para o orgasmo, uma capacidade de contenção que lhe permitira absorver quase intuitivamente o tantrismo, uma paciência ilimitada e, principalmente, uma energia inesgotável. Para cada mulher, apontava uma ou várias de suas virtudes. Para aquela mais afoita, aparecia um monstro de desejo e de energia. Para as tímidas, um deus da paciência. Para aquelas que se assemelhavam a um cofre cuja fechadura ficava inamovível devido ao pouco uso, ele abria caminhos e encontrava o segredo que abria qualquer porta.

Ali estava ele desta vez, esperando em vão, há duas horas, na praça em Ipanema, aonde chegara inadvertidamente quinze minutos mais cedo (o que nunca fizera em sua vida). E já eram quinze para as três e Cláudia, a menina que conhecera, havia dois

dias, na festa junina em Jacarepaguá dava-lhe o primeiro bolo de sua vida. Não acreditou e nem quis telefonar. Disse a si mesmo que ela estava atrasada e que acabaria chegando. Elogiou para si mesmo a sua paciência e ficou em pé, naquele lugar, onde tantas passavam, por cerca de uma hora. Eram duas horas, quando se convenceu de que ela não viria e resolveu telefonar. Sossegou o seu amor-próprio, dizendo que talvez ela estivesse passando por um grande problema e que poderia ajudá-la. Procurou primeiro um orelhão e quando encontrou um, não funcionava. Foi em busca de outro, ainda temendo que ela chegasse e não se encontrassem. Ligou. Estava ocupado. Ficou esperando e quando eram duas e quarenta e cinco, começou a chamar. Ela atendeu e ele perguntou se havia ocorrido alguma coisa. Ela parecia tranquila e disse que não havia ocorrido nada. Tinha aparecido um amigo com quem ela queria conversar há muito tempo e resolvera ficar em casa. Não se incomodava em faltar porque sabia que ele era tão ocupado que nem ficaria esperando.

Ele sentiu o que nunca sentira antes. Fez um gracejo e desligou. Sentiu que ali começava uma nova coisa, uma carreira, uma sequência e que de agora em diante não ficaria mais certo de que elas estavam realmente submetidas ao seu encanto e ao seu desejo. Veio-lhe à cabeça a história da vingança feminina, desta revanche que estava no ar. Prometeu que iria pensar em tudo isto.

Quando deixou o orelhão e foi andando na direção da praia, para pegar o carro, passou por ele Isabela. Sabem quem era Isabela? A mulher que conhecera em Nova York, onde fora fazer um curso. Haviam se conhecido no Soho, quando ele comprava um livro de história da arte no Rizzoli. Fora ela que lhe dirigira a palavra quando ele mostrou o passaporte ao pagar com os *travelers*. Foram em seguida dois dias, que ele considerara incomparáveis. Usara esta palavra para descrever o que se passou para a analista. Levou três sessões para contar tudo.

Quando foi embora, ela disse que gostaria que se continuassem falando e que logo, logo poderia vir ao Rio. Ele disse que não gostava dessa coisa de namoro a distância e que se veriam de novo na sua próxima viagem. Ela ficou triste.

Um outro choque: ela custou um instante a reconhecê-lo, mas logo disse o seu nome e lhe deu um abraço tão forte quanto os de Nova York.

Foram até o seu carro e ficaram juntos até escurecer. Jantaram e continuaram juntos. Chamou-a para a sua casa, mas logo mudou de ideia. Seria mais gostoso em um hotel. Resolveu alugar uma suíte no Sheraton, onde já era conhecido.

De manhã, havia tanta felicidade no ar que ele recebeu como um soco a notícia de que Isabela não poderia mais vê-lo. Tinha vindo ao Rio para casar-se com o filho do dono de um grande banco, o que aconteceria dentro de um mês. E que depois os dois iriam morar em Londres.

Despediram-se na rua, pois ela não queria ser levada ao lugar onde estava. Esperou que ela pegasse um táxi e partiu.

LXXIII. Limites ao bom senso

Quando terminamos de passar pela grande curva da autopista, pudemos ver o carro inteiramente destruído. Ao passarmos ao seu lado, vimos que era o meu carro, que tinha sido roubado na noite anterior. Paramos: dentro dos destroços, havia dois homens, certamente mortos. Muita gente tinha parado para ver e ajudar, e o que falavam é que não se podia explicar o que tinha acontecido. Não estava lá o outro veículo no qual tinha batido. Alguém disse que talvez o acontecimento tivesse ocorrido em outro lugar e o carro jogado para aquele canto.

A noite tinha sido inteiramente inútil. Passara tantas horas lendo e relendo o livro sobre um sufi, para ver se voltava a sentir aquela certeza de que se encontrava à beira de uma transformação espiritual. Nada encontrou e de manhã cedo, mesmo exausto e sem mais tempo para dormir, tomou um banho e foi para o escritório, onde tinha de atender aos dirigentes do sindicato de empregados da ferrovia.

Sempre que voltava para a casa, depois de alguns meses fora, a sua mulher pedia a separação. Mas depois de dois dias, ficavam felizes e tranquilos até quando ele se sentia compelido a voltar a morar só.

Não tinha esperança de poder salvar o que restou da amizade.

Trinta e dois amigos e conhecidos prometeram estar na noite de autógrafos de sua obra sobre o direito ferroviário, mas ninguém apareceu. Diante de uma mesa, com mais de cinquenta exemplares, havia apenas três pessoas: seus pais e uma mulher que

conhecera no foro há dois dias e que se tornara por assim dizer sua namorada. Ela⁶ não tinha realmente onde morar e mudara-se para o seu apartamento.

.....

Não sabe realmente quando começaram os desentendimentos com seu irmão. Nasceu pouco mais de um ano antes dele e os dois estavam sempre juntos na infância e na adolescência. Havia, porém, sempre uma rixa no ar, que a mãe ajudava a instigar, falando mal a um do outro e comparando-os frequentemente. Eram os dois únicos filhos daquela mãe que nunca quisera tê-lo e que odiava o marido, não tendo coragem para separar-se ou ir embora.

Quando eram pequenos, a mãe saía de casa dizendo que ia às compras, deixando os dois a sós, sem que ninguém tomasse conta. Um deles com dois e o outro com três anos, de início ficavam brincando, talvez sem entender realmente o que tinha acontecido. Dali a pouco, batia a fome ou qualquer dor, e os dois afundavam em uma profunda tristeza e solidão, ficavam chorando baixinho por horas, sem iniciativa de ir à cozinha. Esperavam a mãe, que voltava alegre, quase cantando, carregada de embrulhos. Os dois esperavam algum agrado, algum presente e, sem nada, viam a mãe vestir um a um os vestidos que trouxe, pô-los diante do espelho e andar pela casa. Depois de quase uma hora, lembrava-se da comida dos pequenos.

Quando eram pequenos já trocavam beliscões e de vez em quando um fazia uma maldadezinha com o outro: colocar sal na vitamina, sumir com o cordão do sapato. Foi só na adolescência que começaram as brigas violentas. Viviam muito juntos, mas, de vez em quando, explodia um ódio sem tamanho. Xingavam-se da maneira mais áspera e trocavam empurrões. Isto no início, até que um dia ele deu um soco no meio do rosto do irmão, que caiu no chão, quase desmaiado. Correu a acudir. Levantou-o, para sentá-lo no sofá. A casa estava vazia, como sempre: a mãe tinha saído e o pai estava no trabalho. O irmão estonteou (sic) um hematoma por mais de um mês, inventando para todos que tinha sido devido a um escorregão. Na escola, não acreditaram, mas surpreendentemente nada disseram. No grupo da esquina, um dos rapazes mais argutos perguntou por que brigavam tanto.

⁶ Ele, no original. Nota da Editora.

Na próxima vez em que não se conteve, em resposta ao que considerou um insulto do irmão, mandou um sopapo que o outro conteve no ar, revidando com um soco no estômago que lhe causou uma dor como nunca tivera. Quando se curvava sobre si, recebeu mais uns dois socos e xingamentos feitos numa voz grossa que nem reconhecia. O irmão deixou-o no chão e saiu para a rua. Ele assim ficou por bem uma meia hora.

Passaram a se falar o mínimo possível, mas ainda saíam juntos para a escola, para a praia e para o grupo da esquina. E, de vez em quando, a partir de coisa nenhuma, um dava um soco e começava uma briga que quase quebrava um móvel ou objeto da casa. Uma vez brigaram na escola, na frente dos colegas. Ele se sentiu muito envergonhado. Viu, porém, que ao irmão não importava muito.

Dois dias depois, o seu irmão meteu-se em grande enrascada. Seguindo o costume do colégio, tinha sob o seu domínio um aluno mais novo, que era obrigado a servir-lhe em pequenas coisas. Naquele dia, excedeu-se em suas exigências, fazendo o garoto subir em um muro altíssimo, o que fizeram tremendo de medo. Lá em cima, obrigou o garoto a ficar de pé, ameaçando-o. Certamente, sentindo uma vertigem começou a oscilar e acabou caindo, morrendo ao chocar-se com o chão. Vários colegas assistiram, e foi um escândalo.

O irmão foi afastado do colégio. Nada mais ocorreu, por intervenção do pai, que era amigo do diretor e do juiz de menores. O pai do garoto morto vivia longe da cidade há muitos anos e pouco ou nada fez. Meu irmão foi mandado para o Ceará, onde ficou com uns tios que eu nem conhecia. Nem se despediu de mim, nem mandou notícias por mais de dez anos, parte dos quais viveu em Recife, fazendo faculdade de direito.

LXXIV. A festa comemora

LXXV. Naves de angústia

Um anúncio no jornal, dizendo que era Júlio, o devassador, um jovem alto e bem dotado, disponível para casais e cavalheiros. Penso em quantos já foram devassados e quantos leram o anúncio e não tiveram a coragem de responder-lhe. Vejo que nos meus ardorosos dias, em que todo o desejo mal cabia em mim, nunca me vi como um devassador e perturba-me a idéia de que tenha vivido uma sexualidade sem pelo menos uma vez experimentar ou reconhecer esta disposição.

Agora, sou apenas um punhado de névoa, que mal consigo reter, e me perco com os ventos mais fracos. Não sinto mais nenhum olhar de interesse da parte dos seres ainda sexualizados. Sei também que desisti inteiramente da vida sexual. Substituí o deleite da pele pelo prazer glutão e devoro principalmente pizzas. Não me atrai o lixo dos hambúrgueres, batatas fritas e milk-shakes. Isto é mais um sinal de que me encontro distante da sensibilidade que comanda o início de nossa vida.

Entristece-me a ausência da devassidão e do devassar. Há muito que devo ingressar em um estado de luto e chorar a morte de um tesão irrefreável. Mas afasto-me desta obrigação, da mesma forma que fujo do vômito quando estou enjoado.

LXXVI. O belo não se quer belo

Quanto mais avanço, mais a escuridão avança. De há muito que sei de nosso parentesco dos mais íntimos. Ela talvez seja minha irmã ou certamente minha mãe. Por que duvidar se vejo ter em comum com a escuridão uma vontade de parar de olhar para não ver o que para mim sempre é óbvio: a felicidade contida dentro do desastre e o desastre contido como uma semente dentro da felicidade.

Encontrei outro dia uma mulher que presumi também ter uma espécie de parentesco com a escuridão. Eu a levei para passar o fim de semana em Teresópolis, e na madrugada de domingo, quando saímos para a noite fria, ela me apontou a via láctea, na qual eu jamais havia prestado atenção. Momentos antes tínhamos brigado porque eu me recusara a pôr a camisinha. Ao tentar colocá-la, rasgou-se.

Ela, que se chama Sônia, não via que era a própria escuridão. Neste ponto, estou mais adiantado, porque já percebi a minha, nesta vontade de desaparecer sem deixar vestígios. A escuridão, tenho certeza, foi a primeira manifestação do vazio. Quando li a respeito dos buracos negros, que de tão densos atraem a luz, não deixando que seja emitida, percebi que eram as partes mais preferidas do céu.

Quando Sônia me apontou a via láctea, bocejei. E na mesma hora soube por que isto acontecia. Esta nossa galáxia é um divertimento menor frente aos buracos negros.

LXXVII. Nada disto mais

Um dos meus dois filhos fugiu hoje de casa, depois de brigar comigo, atirando-me copos e uma travessa de frango assado. E isso foi porque lhe disse que deveria ficar na seleção de vôlei da escola, de onde pretendia sair porque não fora convocado para o

time principal. Ele me acusa de querer dominar-lhe a vida, e qualquer observação minha ele sente como um controle. Seria ridículo dizer que só lhe quero bem. Que eu o amo, disso não tenho dúvidas. O que não sei é o que dizer-lhe sem causar sofrimento, o que lhe fazer para garantir uma vida melhor do que aquela que parece que vai ter. Sinto que vai em direção a um grande sofrimento. Cada vez mais ele tem acessos de ódio contra mim e inventa que eu torturo sua mãe, cuja vida eu teria destruído.

Sem dúvida ela⁷ não está intata. Do dia em que nos conhecemos até hoje – são dezoito anos – ela sofreu e mudou muito, mas a culpa não é minha. Há três anos, teve de tirar o seio direito e, embora os meu dois filhos nunca me tenham dito, estou certo de que acham que eu sou culpado pelo câncer dela. Por quê? Porque me viram uma única vez com uma mulher em um táxi na cidade. É verdade que ela estava com o braço sobre os meu ombros e parecia minha amante, ou sei lá o quê. Mas não era nada disso. Era uma antiga colega de colégio que me viera visitar no escritório e pedir ajuda para uma associação de bairro. Almoçamos juntos e naquela hora nós estávamos voltando para o centro. É verdade que ela sempre fora sedutora e sentiu vontade de reviver alguns antigos momentos. Mas não houve nada demais.

Eu gostaria de lhes explicar. Mas como? Havia tantas coisas por explicar. Por que eu chegava tantas vezes tão tarde, por que eu tinha de viajar tanto. Mas será possível que não se pode ter uma família sem que algum tipo de conflito apareça? Mas minha mulher nunca reclamou. Seu afeto por mim não mudou nunca.

Tentei até aqui ignorar a minha vida familiar, que corre em torno de mim enquanto escrevo. Mas chegou o momento de fazer a primeira revelação: da mesma maneira que escondi até agora a minha família, deles escondo este trabalho, esta “obra”, acho que posso chamá-la assim, que não sei por que continuo a escrever. Nada tem a ver com a minha vida, com o meu trabalho e com os seres queridos com quem convivo. Sei que aqui deposito o que não poderia admitir em outros lugares. Aqui deposito minhas estranhezas, que para muitos podem parecer insignificantes, mas que precisei de um tempo enorme para poder revelar.

Hoje descobri que posso trazer até aqui também a minha vida, juntando-a a este nevoeiro.

⁷ Ele, no original. Nota da Editora.

LXXVIII. Ouvir não basta

Tenho apenas um pedaço do tempo, e do todo que eu possuo, por algum estranho direito, apenas posso decidir em pequena monta, porque de todos os lados sofro ataques do acaso. Estreita-se o meu percurso enquanto o mundo vai alargando-se e fico imprensado, vivo imprensado. Assim, quando comecei a amar Gabi, e foi há dois anos atrás, eu era outra pessoa. Não tinha recebido em meu corpo as mensagens de envelhecimento que hoje me encurvam. E Gabi não tinha acertado tanto e tanto nas coisas que fazia que sua vida tomasse um destino para longe de mim. Sei vagamente onde ela vive e o que faz agora. Sei que são casas ilustres e personagens que parecem comandar o país. Elas os tem em suas mãos. Para uns, é a astróloga divina que realmente sabe usar as tábuas de modo insuperável. Para outros, é uma divina prostituta, que sabe usar perfeitamente o seu corpo e fazer com que o outro acredite piamente em sua potência. Sei disso tudo, porque ela esteve comigo e eu a tive por dois indescritíveis anos.

Quando conheci Gabi, era uma atriz obscura em um grupo obscuro para o qual eu escrevera uma peça de teatro, depois de ajuda-los de mil maneiras: arrumando apoios, vendendo bilhetes, conseguindo que imprimissem cartazes. Eu era o esteio do grupo.

Quando Gabi apareceu, levada pela irmã da melhor atriz e líder do grupo, ela foi aceita porque não atrapalhava, e nem parecia ameaçar as outras atrizes. Tinha algum jeito para a coisa, principalmente para as cenas mais engraçadas. Mas não era nenhuma grande atriz.

A minha peça – *Os pecados de Silvia* –, uma comédia de costumes que se passava no Méier da década de 1950 – foi encenada, ficando em cartaz por três meses. Não foi um grande sucesso, mas me animou a escrever mais. Nestes meses, vim a conhecer melhor Gabi, que é vinte anos mais nova do que eu, e acabamos morando juntos. Começou o melhor momento de minha vida. Foi a união de um fruto doce, ela, com um fruto amargo, eu.

LXXIX. Leitos abandonados no meio da noite

Estive assistindo a um grande incêndio no centro da cidade, na véspera do dia em que, embora muito se esperasse, nada aconteceu. Foi na época um desequilíbrio insuportável. No dia anterior, em que tudo parecia calmo, senti o calor do grande

incêndio. Os bombeiros custavam a chegar, mas ninguém morreu, porque era bem cedo e não havia funcionários no prédio. Naquela noite eu não tinha dormido. Ficava andando de bar em bar, bebendo refrigerantes e perseguindo um sono que não me alcançava. Um pouco antes das seis da manhã, fui até em casa, tomei uma chuveirada e parti para o consultório do analista. Seria a primeira vez no ano em que eu chegaria na hora. Mas não cheguei porque me demorei demais. Nunca antes tinha visto um incêndio tão grande de tão perto.

Quando cheguei ao consultório do psicanalista, ele abriu a porta com o mesmo olhar de enfado com que me recebia há três anos. Falei muito animadamente sobre o incêndio – era no edifício da Vale do Rio Doce, no Rio de Janeiro – e me lembrei de que sonhava há vários dias seguidos com um incêndio monumental que queimava o Rio de Janeiro por inteiro. Apresentei uma hipótese de interpretação de que não me lembro bem. Era algo como queimar os meus vínculos com minha mãe ou algo desta natureza, porque o tema de minha análise sempre voltava à questão de que eu tinha de me separar de minha mãe. O pior era que eu vivia só e que minha mãe tinha morrido há mais de vinte anos. Era a mãe internalizada, me explicou o analista logo na segunda ou terceira sessão. Bem – respondi-lhe – agora dá para entender.

Mas o analista não confirmou nem refutou a minha interpretação. Ficou em silêncio e nos despedimos, com um simpático aperto de mão. Na sessão seguinte, eu já havia esquecido do incêndio porque estava aporrinhado com a recusa do meu irmão de dar o telefone de uma antiga namorada. Vi que estava morto de ciúmes, muito embora já estivesse casado e feliz com outra, com quem tivera vários filhos.

LXXX. Antes de falar, breve resenha

Eram umas meninas mais velhas, isto é, tinham nove ou dez anos, mas já se vestiam como mulheres, mostrando uma intensa sensualidade e chamando-se a si de mulher. Minha filha era uma delas e eu tinha o sentimento de que alguns dos homens da vizinhança ficavam muito intranquilos com o que viam. É que as meninas despertavam um intenso instinto sexual, que não poderia ser posto em ação.

Quando eu via minha filha em casa fazendo os deveres, assistindo na televisão os programas infantis e falando coisas de menina, parecia que esta impressão estava

errada. Mas quando eu a via com as amigas, na rua particular em que fica o meu prédio, sentia que as coisas mudavam.

Tentei falar com minha mulher, mas não adiantou. Ela não entendeu, e quando começou a entender, levou a mal e disse que tudo estava em minha cabeça de homem que ia ficando velho. Minha mulher também parecia se transformar, e isto se devia, tenho certeza, a estas novas companhias. Agora, era tudo explicado ou porque ela era mulher ou porque eu era homem. Se eu perguntasse se era uma coisa própria de gente – algo que homens e mulheres têm em comum – ela a princípio parecia não entender e depois dizia que esta era uma maneira ultrapassada de ver as coisas.

Felizmente, quando a coisa era a nossa vida sexual, era parecia sempre a mesma, exatamente aquela que eu devorava e me devorava há doze anos.

Fiquei com estes sentimentos e impressões por meses, sem conseguir falar a respeito com ninguém. Até que a coisa explodiu: uma das amigas de minha filha foi encontrada em um carro tendo relações sexuais com um homem de trinta e oito anos. Isto foi em pleno dia, em um carro estacionado no Jardim de Alá. Um policial viu e, ao que parece, achou que era coisa de tarado. Mas, não se sabe por quê, a menina resolveu falar e disse que fazia isto por dinheiro e que todas as suas amigas faziam o mesmo. Virou um escândalo por todas as coincidências: na delegacia, havia gente de televisão e de jornal. O fato foi citado no noticiário da televisão, à noite. O nome não foi dado, mas na manhã seguinte todos os que moravam na rua já sabiam.

LXXXI. Avançando pela carne adentro

Um fio de verdade que poderia escorrer.

Uma corrente de água, arrastando pães de sal.

Olhe para o céu e finja que os seus olhos também trovejam.

Parece que minha vida vai se desfazendo como nuvens ao vento.

Será que encontro o caminho de ida-e-volta como se tudo o que senti tivesse corrido por um córrego que agora está completamente seco?

Tanta fúria seria inacreditável, se não estivesse espalhada por móveis, pelo ar que, esfumaçado, entrava pela janela e pelo próprio jeito da lua, que parecia raivoso e arrogante. Sei que não é assim, mas não posso contrariar o que sinto. Ao menos, por enquanto.

Agonizar e tentar escrever rapidamente bilhetes de despedida, vendo que a caneta não está funcionando.

Diante de uma baía azul e silenciosa, fiz outra tentativa de trazer paz ao meu coração, mas não consegui calar os sentimentos feridos e as falsas despedidas. O dia anterior tinha sido muito doloroso e levarei muito tempo para tratar o buraco em meu coração.

LXXXII. Sintomas de falsificação

Havia um modo muito simples de agonizar, sem nenhum estado emocional bem definido, sentindo apenas uma dor aguda – e não várias – e ouvindo músicas algo melódicas, enquanto médicos e parentes, à volta, tentavam se acalmar.

Os móveis do quarto são armas disfarçadas, talvez equipamentos defensivos ou veículos que levam daqui para algum lugar que só seria revelado quando da chegada.

As armas se disfarçam em tudo o que está à volta, gente, coisas, o barulho do ar refrigerado e o sussurro dos que não vão acompanhar senão de fora o desenlace.

Experimente gritar para dentro de si o próprio nome, caso se lembre dele, caso se lembre como a sua mãe o pronunciava nos primeiros dias, aqueles momentos em que você imaginava que ele era uma espécie de roupa nova. Talvez os que estão à sua volta mostrem uma condição de melhor dizer este nome.

Por onde se espalharam os receios? Não é mais fácil encontrá-los? E tudo está igualmente se espalhando.

Ele – um mero personagem; um simples fato de ficção – disse que costumava imaginar os últimos momentos, e que era bom ensaiá-los pelo menos uma vez. Também me disse ele que há pelo menos uma cultura primitiva que dedica uma boa parte da vida para treinar como morrer com perfeição. Não acreditei.

A vida fica diluindo, diluindo e talvez em algum momento a dor comece a sentir-se risonha.

LXXXIII. Notas amanteigadas

Numa gaveta meio difícil de abrir guardo notas de compra e o esboço de um romance de aventuras. Não sei direito o que aconteceu, mas numa tarde de agosto – era domingo e chovia desde o dia anterior – resolvi avançar no trabalho de composição de romance. Levei algum tempo para abrir a gaveta.

As páginas em que eu descrevia um cenário amazônico estavam sujas de gordura. E na gaveta estavam espalhados pedaços de manteiga derretida. Quem os pusera ali?

Nesse momento, vi que a novela se transformara. Deixara de ser de aventuras e agora tornava-se uma história de mistério.

Vivemos muito levemente até que descobrimos o mistério. Neste momento, nossa vida muda inteiramente e mesmo os pais e os filhos, amigos e outro seres queridos, todos se transformam em pequenos ou grandes nevoeiros, enigmas. Uma espécie de tara nos convida a perguntar por que tudo de uma vez só. Tornou-se bem obscura.

LXXXIV. Termos distantes do saber

Era bem tarde quando ele notou que não podia mais confiar em si mesmo. Já havia tomado as decisões que iriam arruinar a sua amizade por várias pessoas. Notou há alguns dias que todas as vezes que tentava ser amável com o entregador de jornal, percebia que isto iria romper o equilíbrio bem instável. Logo, logo percebeu que o equilíbrio era instável com muitos outros e mesmo e principalmente consigo mesmo.

LXXXV. Vitórias nunca lembradas porque não obtidas

Bebi enorme gole. De quê, meu Deus? Acho que foi da sorte, que penetrou em minha vida de modo a me derrubar em todas as convicções. Sabem do nome que hoje dou a tudo o que de inconsequente que eu já fiz? Uma vida doce e tortuosa.

Pensei inesperadamente que a cidade se evaporava. Ao contrário, era eu que virava vapor colorido e muito endiabrado. E destruí com um sorriso todas as relíquias da cidade. Minhas relíquias, entenda-se bem: os lugares em que penso ter conhecido meus amores. Os lugares em que sofri sem medida.

Hoje, pensei o dia inteiro em como o seu corpo começará a apodrecer e começará depois da morte e que já alguma podridão você sente aqui e ali.

Não sonho mais com o leito perpétuo, com uma mulher compreensiva e com um direito inexpugnável. Sonho com uma só conversa em que eu seja ao menos entendido pela metade. Nos meus braços uma penca de bananas maduras que representam o meu amor por uma mulher também madura e o sentimento positivo de minhas relações com a natureza.

Todas as paisagens terminam virando pó, que depois forma outras e outras. Quero transformar partes do passado também em pó, mas não sei como fazer isso. Não basta o tempo. É preciso desenvolver uma especialidade em erosão.

LXXXVI. Mínimas considerações

Agonizo entre sombras e sob uma luz fraca
enfrento um nome que não entendo

Duvidar e manter em segredo
uma espera por eventos casuais

Capazes de trazer de volta
amigos mortos e esquecidos
no mais fundo do meu coração

Despertam minha dor e meus temores
de que eu vá sem direção
no mesmo caminho.

De luz emergente e em destruição
tornada um viés insatisfeito
dúvidas queridas e perguntas
de um estimado animal extinto
de um esquecido dito popular
como encardidas camisas de gala
usadas em festas de frenéticos
em que a alegria não cessa de rolar
por sobre meus sorrisos

LXXXVII. Antes de chegar o vendaval

LXXXVIII. Artérias na mesa de jantar

LXXXIX. A santidade não foi revelada

XC. Nunca permitir abusos do malmequer

XCI. Lamento informar errado

Busco na chuva a magia de fazê-la vir e depois retornar. De a onde trazem os rogos e orações e para onde as levariam, quando retornarmos à estação seca? E quando também retornarmos à boa seca, depois de tentar dizer as mesmas coisas e tantas

vezes, e sempre inutilmente? Os lábios já estiveram molhados, umedecidos por uma espécie de esperança meio vã. Os olhos também agora secos aprendem a esperar em vão por um rei temporário. Ou por um reinado de intempéries, em que desastres comandam o dia, e a escuridão é mais esperada que temida.

Fogueiras de São João espalhadas pela cidade e na praia, que fica um pouco longe, assumo o lugar de oráculo e anuncio catástrofes. No quarto do hotel, abrigada no leito do que pudesse trazer o dia, está minha filha. Quer se aninhar nos grandes travesseiros, mas teme adormecer, como todos nós, quando escurece ao meio-dia e o mar não para de avançar. No restaurante, não muito longe do quarto e do mar, anuncio catástrofes, tendo em minhas mãos um pêndulo que foi abençoado.

A minha filha sonhou que era um rei egípcio e pela manhã encontrou, na beira do mar, agora bem sossegada, uma pirâmide de isopor. Trouxe-a para a areia, onde a abrimos. No seu interior, em um pequeno saco plástico, uma fotografia da estátua de um faraó e uma prece a Osíris.

Mais tarde, quando, no início da noite, ando pela praia e paro para urinar sobre uma pequena fogueira, entendo que o rei temporário tinha chegado.

XCII. Quintessências de sabor amargo

O terno ficou encharcado de suor, tão molhado como uma toalha que fora imersa em um tanque d'água e lá ficara por horas a empapar-se. Ele sabia que aquele suor não era normal, que não se devia ao esforço e nem ao sistema nervoso. Era algo mais profundo, talvez a sua própria vida que ia se esvaindo.

Quis saber se sua mãe naquele momento também estava tão mal. Ela se encontrava no hospital há dez dias, respirando por aparelhos e alimentando-se por sondas. Poucos órgãos funcionavam direito. Ele queria vê-la, mas não se sentiu capaz. Achava que se fosse até o hospital por lá ficaria.

No bolso do paletó do terno, estava a carta que tinha recebido do seu filho. Ele também não estava bem. Pensara que indo para Fortaleza, para ficar morando com a família da avó e vivendo em um lugar mais tranquilo, ficaria logo bem. Mas nada disto aconteceu. Só no começo é que se sentira bem. Depois de algum tempo, voltaram as angústias mais fortes, as insônias. Depois, algumas das alucinações também retornavam. O pior é que não tinha ninguém em Fortaleza que pudesse tratar disto.

Interessante que, parado na esquina da avenida Copacabana com Bolívar, com o terno todo molhado e uma cara certamente desconcertante, não chamava a atenção de ninguém. Pensou na linha que começava com a sua mãe e ia até o seu filho. Uma linha de vida que se achava muito ameaçada.

Pensou que não havia mais nada a fazer com a sua mãe, consigo mesmo e com o filho. Era deixar o tempo passar para que estas três vidas desaparecessem.

Sentiu uma forte dor no peito e muita falta de ar. Ficou tonto e teve de se sentar no chão. Aí foi finalmente notado, e fizeram uma roda em torno dele. Alguém abriu-lhe a camisa e começaram a abaná-lo. Já vira tantas vezes esta cena e agora sentia que havia mesmo calor nessa gente toda. Uma mulher disse que ia chamar a ambulância e um homem mais velho perguntou-lhe se tinha algum remédio que costumava tomar.

Foi quando ouviram-se tiros e o grupo que estava em torno dele debandou. Eram policiais trocando tiros com outros homens. Ouviu gritos. Sentia-se tão fraco até para olhar, quando tudo silenciou e alguém bateu em sua perna. Havia caído ao seu lado um homem franzino, com a roupa ensanguentada. Parecia morto.

LCIII. Loucura de bebê no abandono

LCIV. Nunca notaram o erro

1. Adotado pela princesa, ele cresceu para se tornar um dos dirigentes daquele Estado. De fato, não ocorrera a adoção: era um filho que a princesa tivera com um simples soldado, quando ainda era considerada virgem.

Seu nome era Manteg. Era um menino quieto e quase sombrio. A mãe pouco o via e ele era criado por uma velha aristocrata.

2. Aos sete anos foi sequestrado. Quase o mataram, mas acabou vivo e adotado por camponeses. Falou-lhes de sua origem, mas não acreditaram. Fizeram-no trabalhar na terra, o que fez. Quando tinha treze anos, soube da notícia de que a princesa e o seu pai tinham sido mortos e começara uma nova dinastia.

3. Esqueceu-se de suas origens e, quando fez vinte anos, foi entregue a um mosteiro para que se tornasse padre.

No mosteiro revelou dois grandes dons. Conseguiu aprender a ler rapidamente e em menos de um ano sabia de cor as escrituras. E ouvia vozes que lhe pareciam ser de anjos.

4. Aos trinta anos, Cristo lhe apareceu na cela.

LCV. O sol não é um disco imóvel

Até que seja um pouco tarde, o sentimento de preguiça estabelece uma espécie de ponte entre o que poderia ser e o que às vezes é uma realidade que flameja. Notável é a divisão que se estabelece: de um lado, o vício que me tortura, e de outro, uma face angelical que penso ter e que, sei de boa fonte, não tenho. Não tenho mesmo um simples rosto que quem quer que visse poderia assegurar: é um encanto completo; basta encará-lo para sentir a que veio quando nasceu. Nada disso: só crio dúvidas em cima de dúvidas. Não sabendo com certeza quem sou, levo esta dúvida para quem me olha.

Soube da minha atração por tipos obscuros exatamente quando obtinha um pequeno sucesso vendendo bicicletas usadas. É um negocio que recentemente se tornou próspero. Mas sempre havia a suspeita de que as bicicletas eram roubadas. Como podia evitar os bons negócios que apareciam com a dúvida acerca de sua proveniência? Quando não havia recibos ou outros documentos, tinha de julgar pela cara. Eu comprava principalmente de jovens e até de adolescentes. Descobri que os que roubavam não ficavam ansiosos ao fazer os negócios. Os verdadeiros donos, estes mostravam um certo nervosismo. O negócio foi destruído por uma partida de bicicletas roubadas que comprei sem qualquer cautela.

Certamente não gosto da luz, amedrontado pela ofuscação e antecipando ferimentos no olhar.

XCVI. Grades perfeitas para fugir

No dia de ontem, peguei fogo. Não foi paixão, mas uma queimadura no estômago que sempre me martiriza quando algo de importante está por acontecer ou quando algo de difícil está acontecendo. E está acontecendo algo de muito difícil, as chaves do cofre onde guardo um tesouro – as cartas de amor de Florbela – sumiram e dois dias depois o cofre foi aberto e as cartas roubadas. E as chaves foram deixadas na fechadura do cofre com um bilhete que dizia que esperava encontrar dinheiro e não umas cartas bobocas. Dizia ainda que iria lançá-las no lixo como vingança pelo esforço inútil de roubar a chave.

Florbela assina as cartas com o nome de Estrela da Manhã, que fora como eu sempre a chamara durante nossa curta vida em comum, pois ficamos juntos apenas nove dias, mais de quinze anos atrás. Vimos que não poderíamos viver juntos, porque nossos ritmos eram muito diferentes. Gosto de acordar cedo e ela de dormir quando o sol está nascendo. Sou carnívoro e ela vegetariana. Gosto das coisas normais no sexo e ela das coisas anormais (por exemplo: ela só consegue atingir o clímax quando algemada e mordendo violentamente o parceiro; digo parceiro, porque sei que ela faz isto com o marido, que o aceita amorosamente). Gosto de música popular, que ela detesta. E assim por diante, porque da mesma maneira que nos atraímos profundamente a cada movimento que eu fazia, nascia nela exatamente o seu oposto. Isto pode parecer absurdo ou inventado, mas é realmente um fato, e muitas pessoas amigas – como meu amigo Heitor ou minha prima Angélica – poderiam facilmente testemunhar. Fomos, posso dizer: inverno e verão, saciedade e fome, paraíso e inferno, dor e prazer. E tantos outros opostos, que nem saberia identificar nem definir.

As cartas de Florbela eram para mim o extremo do valor. Eu amava a sua palavra escrita e a sua letra. Gostava de lê-las frequentemente. Eram cem, que ela escrevera exatamente em dez meses, na proporção de dez cartas por mês, a partir do dia seguinte ao de nossa separação, do que chamamos de comum acordo: o fim de nosso amor impossível. Cem cartas, nem mais nem menos. Formavam um maço realmente volumoso, porque cada carta tinha em média oito páginas. Falo em média, porque havia algumas de três páginas e outras de trinta e cinco.

Eu fui um idiota em não tirar xerox, e agora está tudo perdido. E devo dizer que não respondi a nenhuma das cartas. A cada uma eu respondia com um telefonema – e como eram longos, houve pelo menos alguns que duraram mais ou menos oito horas e meia. Nos telefonemas eu analisava ponto por ponto da carta, conteudística e estilisticamente, apresentando um ponto de vista e listando como tinham sido os meus sentimentos afetados. Florbela ouvia as minhas palavras em silêncio e, como dizia, com o seu coração batendo loucamente. O meu não ficava atrás, indo às vezes a 150 pulsações por minuto (muitas vezes, interrompíamos nossas conversas para contarmos a pulsação).

Depois destes dez meses, eu resolvi voltar para a minha esposa – a Áurea, a boa Áurea – e para os nossos filhos.

E nunca mais vi Florbela, embora morássemos na zona sul do Rio – ela em Copacabana e eu em Laranjeiras. É verdade que ela tinha um consultório no Leblon (tinha? tem? – não sei, realmente não sei e não tenho qualquer notícia dela) e ela nunca ia à cidade, onde fica a sede de minha empresa. Florbela é médica homeopata – e sempre foi uma das unicistas das melhores, e acho que deve continuar sendo, porque era sempre estudiosa e muito aguda em seus diagnósticos e na escolha dos remédios. Na verdade, conheci-a quando fui ao seu consultório para tratar de um herpes genital que não sei como peguei, já que vinha sendo fiel à minha querida Áurea desde o nosso casamento. A não ser que Áurea me tivesse transmitido, mas não acredito. Ela começou a sofrer das mesmas coisas que eu, e disse que certamente pegara de mim. Como saber?

Agora que as cartas sumiram e que eu senti toda esta queimação no estômago, estou quase certo de que dentro em breve o herpes vai reaparecer. São umas bolhas pequenas que em geral surgem do lado direito de meu membro viril. Sempre me perguntei: por que diabos nunca apareceram em outro lugar?

No lado esquerdo? Embaixo? Não tenho resposta. Mas é preciso que eu diga que Florbela “curou”-me em poucos dias e o remédio que me deu foi *Calcium Carbonicum* 1mm. O efeito do tratamento durou mais de cinco anos, após os quais o herpes voltou e eu não tive vontade e coragem para ir vê-la novamente.

Quando fui procurar Florbela, por sugestão de meu amigo Heitor, que é sempre quem me indica os médicos, bom hipocondríaco que é, estava eu com sérios problemas em minha firma que trabalha com importação. Eram dois problemas simultâneos, nem sabendo eu dizer qual o mais grave. De um lado, o excelente cliente meu, para quem eu importava curry inglês, havia se suicidado, deixando uma quantidade tão grande de dívidas (e eu não sabia nada disto) que seria remota a chance de reaver o dinheiro. Bem, pensei, se ele havia comprado 50 mil dólares em *curry*, certamente não tinha tido tempo de vender, de distribuir e eu poderia obtê-lo de volta. Para minha surpresa e minha grande angústia, os barris de *curry* tinham sido tomados pela água que havia entrado no porão onde se encontravam, devido a uma

outra grande enchente. O outro problema era devido a uma secretária minha que havia feito um importante contato comercial pelo telefone – o que abriria um campo inteiramente novo de negócios para mim – e que infelizmente tinha escorregado em casa, batido com a cabeça numa maçaneta e ficado inteiramente desmemoriada (vi-a há três dias atrás e ela me disse que continuava inteiramente desmemoriada, mas somente em relação a acontecimentos que ocorreram durante um ano antes de seu acidente).

Pois foi neste estado que vi Florbela pela primeira vez. Naquela época o seu consultório já era no Leblon, e tinha poucos clientes, porque a homeopatia já tinha há muito sido apreciada e buscada e se atingira a nova era que ela reviveu tão intensamente. Devo confessar que nosso primeiro beijo foi ainda durante a consulta e naquela cama branca de hospital tivemos nossa primeira relação sexual (e já nesta vez ela honestamente pediu-me que a algemasse).

Não vou contar tudo o que aconteceu, porque até me magoa lembrar. E o que me dói mais é que as cartas eu não as verei jamais e odeio-me porque minha memória é fraca e, apesar de tê-las lido tantas vezes, não saberia repetir senão algumas frases.

LCVII. Novos minutos acrescentados ao dia

Há um movimento mortífero em minha própria casa, que parecia vazia. Um assassinato deverá ser cometido e sei quem será o matador, mas não o morto.

Enigma difícil de entender e mais ainda de ser resolvido. Piromaníacos puseram fogo em algum lugar e ninguém viu fogo ou fumaça. Pergunta-se pelo corpo desaparecido, pelo sangue que escorreu sem sinais e ninguém ouviu gritos, passos e o barulho de um tiro.

Estrelas desapareceram, mas devem ter deixado algum rastro, que podemos perseguir. São os crimes cometidos sem vítimas sabidas que continuam a ameaçar o entendimento.

Não se sabe de sonhos sem sonhadores ou de sofrimentos sem sofredores. Diverso de tudo o que se ousa pensar é o cerco ao criminoso sem que seja encontrada uma única prova do crime. O julgamento será perfeito, porque a ausência de provas pode ser a prova de que estamos diante de um criminoso incomum.

A insensatez é variada e enorme, capaz de amargurar uma existência e de nunca ser interrompida. Como o crime, também pode encontrar lugares onde se aninhar, sem que atos insensatos possam ser notados. Neste caso, é uma espécie de perfume que se fixa ao corpo sem possibilidade de evaporar-se e desaparecer.

O corpo é uma amostra. Mesmo que eu vasculhe a casa, depois de ter ouvido barulhos que indicam o grau da violência que foi cometida, já pressinto que nada encontrarei. Sei que é um enigma. Indica haver regiões em que o conhecimento demorará muito a avançar e talvez nunca possa penetrar. Faltam definitivamente várias pedras em jogo.

Quantas vezes padeci, antes de voltar ao meu amor. Ela já tinha restabelecido a vida com seu marido, e estava à espera de mais um filho – seria o terceiro – quando consegui que de novo largasse tudo e viesse comigo.

Fomos morar em Petrópolis, em um lugar que demoraria muito a ser descoberto. Não temíamos o seu marido – que já vergonhosamente me tratava com familiaridade, como se fôssemos parentes. Não se ofendia quando eu o insultava pelo telefone e chegou a me mandar o seguinte bilhete:

“Caro

Amo a Gisela tanto quanto você a ama. Nem mais nem menos, porque é muitíssimo. E ela me ama tanto quanto ama a você. Meus filhos serão seus filhos. Seus filhos serão meus”.

E o cafajeste assinou: “seu irmão em Gisela”.

Devoto-lhe muito ódio, porque sei quanta razão ele tem. Nós dois perdoamos as inclinações de Gisela. Entendemos que ela possa entregar-se com tanto ardor a um e outro. E respeitamos o fruto de um de outro. Dos filhos de Gisela, uma é minha e o outro é dele.

Não chego a padecer quando ela está nos braços dele, porque sei quanto ela me ama. Mas a quem amará mais?

Nunca me permiti esta pergunta. Nem nunca a fiz. Sei que ela se recusará a responder. Diante de mim, ela só me ama. Parece que ele é completamente esquecido. E acho que diante dele, ela jamais me esquece completamente. É uma intuição. Não tenho como comprovar e nem irei jamais perguntar a ela.

Por medo não farei esta pergunta. Receio que ela me responda com sinceridade, que nos ama igualmente. O que direi? O que farei? Na minha pobre alma, creio que ela retorna a ele, porque estão casados e porque eu significo a situação irregular. Mas não se trata de nada garantido.

Essa pequena chácara pertence ao meu irmão, que vive hoje na Austrália, onde ficará ainda por muito tempo. Moramos em uma casa que deve ser sido construída há uns vinte anos e que precisa de algumas reformas. Gisela trouxe seus dois filhos, que adoraram viver no campo. Praticamente só saímos para algumas compras e o resto do tempo fico com Gisela, enquanto as crianças veem televisão, brincam no jardim ou jogam videogame. Gilda, a empregada, fica a maior parte do tempo na cozinha, pois tem de fazer uma quantidade impensável de comida. Ou então está em seu quarto vendo televisão ou conversando com o caseiro. Isto é, ela é que diz que fica conversando com o caseiro. Não dá para acreditar.

LCVIII. Jantar e depois desaparecer

Sou praticamente herdeiro de tudo. Já veio encravado em meu corpo, quando cheguei ao mundo e fui recebido entre sorrisos e ameaças no leito de minha mãe. No quarto, segundo me contaram, sentia-se um intenso calor, pois havia labaredas de fogo em torno da casa. Tratava-se de um sinal de que eu tinha finalmente nascido, depois de muitos séculos de espera. Não, não era eu um messias ou qualquer coisa parecida. Apenas uma singela mutação da espécie. Já nasci com más intenções. Não precisei aprendê-las, nem nelas ser cultivado. Logo no primeiro encontro com minha mãe, dediquei-lhe rancor que nem eu nem ela podíamos explicar. Sei que riem todos desta confusão que parece antes de tudo tola. Não me importo. Tudo o que ocorria à minha volta era um milagre, desde o meu nascimento, que não deveria ter ocorrido até à casa que acabaria destruída pelo fogo, antes que eu conseguisse nascer.

Sou herdeiro de tudo, porque venho do império da morte, porque trago dentro de mim, impresso como um baixo-relevo, o sinal de que logo e logo voltarei ao lugar da destruição, da transformação de tudo em nada. Pode parecer que seja o lugar dos padecimentos e que a alegria esteja longe de mim. O sorriso a que às vezes tenho acesso mal distingue-se da mostra de prazer que tenho ao ver que o mundo desfaz-se mais do que se faz.

XCIX. Sentimentos com atraso

Reconheço que tenho dado uma atenção muito pequena às questões que estão envolvidas no adultério. Reconheço que se trata de uma traição, porque foi empenhada uma palavra e esta traição é sucedida por uma série de mentiras. É também um roubo, porque o contrato de casamento assumiu, em um certo grau, a propriedade mútua.

Reconheço tudo isto, e também que o adultério foi, ao longo de minha vida, uma preferência. Pergunto-me se gostava de afundar com a minha amada num mundo de pequenas maldades. Não se matava, e, se havia ferimentos, estes não eram sentidos de modo claro.

Confesso que quando minha mulher viu-se obrigada a confessar que me traía – e ela nada sabia de minhas traições – fingi um sentimento ainda maior do que aquele que efetivamente sentia. Pois se dissesse a verdade, ela se sentiria até justificada e obrigada a me trair. Eu a fiz jurar que nunca iria repeti-lo e aproveitei a ocasião para cortar as relações com Raul, meu antigo amigo a quem não suportava mais, especialmente pelos seus sucessos profissionais, que quase ofuscavam os meus.

Temí que ela se tivesse contaminado pela aids, porque o próprio Raul me tinha muitas vezes contado sobre suas proezas e dito que não ligava a mínima para os cuidados necessários, porque achava que a aids era coisa de drogados e homossexuais.

Obriguei minha mulher a fazer um teste de aids, que ela, resignada e mesmo alegremente, aceitou. O resultado demorou alguns dias e foi negativo. Não parece ter ocorrido a ela exigir o mesmo de mim.

Meu filho Mateus, que ouviu, não sei direito como, a nossa discussão sobre traição, fez uma chantagem, disse que contaria à mãe que me viu de braços dados com uma jovem na avenida Rio Branco, perto de meu escritório. Neguei tudo, dizendo que era a filha de uma amiga que estava passando por grandes dificuldades. Calei-me quando perguntou por que entramos juntos em um cinema. Meu filho pediu um computador completo junto com drive para CD-Rom. Não pude evitar dar este presente.

Há três dias, isto é, desde dois dias antes da confissão, minha mulher vem falando em ter outro filho, antes que ela faça quarenta anos. Agora, esta proposta me traz

muitas suspeitas. Resolvi ir inventando desculpas para não ter relações sexuais com ela, até a próxima menstruação.

.....

Tão logo a minha mulher aceitou a idéia de fazer um teste de aids, eu, que tinha dado a idéia, fiquei temeroso. Não havia qualquer sinal de que ela estivesse me traindo. O que não impedia que eu sempre desconfiasse. A traição era tão frequente e fácil para mim, assim como a mentira, que sempre imaginei que a minha mulher, sempre tão inteligente, talvez estivesse me mentindo. E quando esta suspeita aumentava, eu tinha que extirpá-la. E para isto nada melhor do que uma boa putinha.

Há no centro duas termas que eu conhecia bem. Fui lá levado pelo Edmundo, meu colega de trabalho e chefe de família devotado. Nunca tinha traído a mulher, e foi levado a isto pelos engarrafamentos monstruosos que ocorrem no trânsito para a Barra. A fim de evitá-los, tinha duas alternativas. A primeira era de inscrever-se em alguma atividade esportiva até a hora em que o congestionamento se fosse ou ao menos amainasse. Ele tentou esta alternativa – matriculando-se em um clube de squash. Mas enjoava de lá ir todo dia e não pretendia entregar-se tão intensamente ao esporte. Então resolveu experimentar uma terma e viu que era o que bem queria. Três vezes por semana ia ao squash e uma à terma. O último dia da semana saía mais cedo para casa, e assim não pegava um trânsito tão difícil.

Custou ao Edmundo muito esforço para convencer-me a ir às termas. Primeiro porque eu já tinha muita mulher e não estava disposto a encontros comerciais e com profissionais. Segundo, porque – e isto não lhe confessei – as duas únicas vezes em que em minha vida eu tivera problema com ereção foi diante de prostituta.

Acabei concordando, e devo confessar que fiquei inquieto. Numa das termas vi mulheres tão belas como nunca eu tivera em meu braços. E não custava caro, algo em torno de cinquenta dólares.

Confesso que, com meu temperamento reflexivo, pensei muito a respeito do que vi. Aquilo significava alguma coisa de muito profundo em nossa sociedade: mulheres como aquelas tendo escolhido a prostituição. Seria um problema do mercado de trabalho? Seria uma busca de remuneração sem a necessidade de qualificações, cursos? Não encontrei resposta, mas me surpreendeu como todas pareciam absolutamente naturais

no que faziam, como se estivessem trabalhando na atividade mais séria e socialmente justificada.

No primeiro dia em que lá fui, não consegui me decidir, enquanto Edmundo parecia inteiramente em casa. Já tinha várias amigas, e se ia com uma prometia às outras que na próxima vez...

Só na terceira ida tomei uma decisão, depois de ser gozado pelas moças. Não o fiz obviamente pela gozação.

Fui para um pequeno quarto, que pretendia dar a impressão de uma sala de massagens. A mulher, que se chamava Narânia, eu quase não a podia encarar, pela sua beleza de rosto e de corpo. Vinha-me um sentimento de insatisfação com tudo o que eu tivera em minha vida, inclusive com a minha mulher, que considero muito bonita e muitíssimo atraente.

Narânia – o seu verdadeiro nome eu soube depois que era Cláudia – entregou-se a mim com tanta devoção e tanto prazer que eu me espantei. Conversando depois com Edmundo, ele me explicou que puta brasileira muitas vezes traía o profissionalismo, entregando-se com paixão. Rimos muito disto.

Fui então seguidamente às termas para encontrar Narânia – às vezes duas por semana e mesmo três – e sempre propunha encontrarmos-nos fora dali, mas era em vão. Mas ficamos bem próximos. Cheguei a gostar dela e pensei nos tempos em que se montavam apartamentos para mulheres. Quando lhe falei sobre isto – e era quase sério – ela riu muito e disse que não precisava. Estava comprando o seu.

Foi mais ou menos depois de dois meses, quando nossa conversa já era inteiramente descontraída, que ela começou a falar de sua família e de seu pai, que estava paralisado devido a um AVC. Aí notei algo familiar e pedi mais detalhes sobre ele. Foi quando descobri que não era senão o meu tio Eustáquio. Narânia, ou melhor, Cláudia, era a filha única do segundo casamento de meu tio. Quando descobrimos nosso parentesco, pensei que Cláudia ia chorar. Nada disto: deu umas gargalhadas e disse que de primo ela cobraria o dobro.

Fiquei muito sem jeito e não consegui mais voltar lá.

